

THAYSA SONALE ALMEIDA SILVA

**EFEITOS SOCIOESPACIAIS E ECONÔMICOS DA SIDERURGIA EM JOÃO  
MONLEVADE.**

Viçosa (MG)  
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**EFEITOS SOCIOESPACIAIS E ECONÔMICOS DA SIDERURGIA EM JOÃO  
MONLEVADE.**

Monografia apresentada à disciplina GEO 481 – Monografia e Seminário – como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Geografia, pela Universidade Federal de Viçosa.

Thaysa Sonale Almeida Silva

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lídia Lúcia  
Antongiovanni

Viçosa (MG)  
2010

**EFEITOS SOCIOESPACIAIS E ECONÔMICOS DA SIDERURGIA EM JOÃO  
MONLEVADE.**

Banca examinadora:

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Lídia Lúcia Antongiovanni  
Orientadora  
Departamento de Geografia/UFV

---

Professor Dr. Ulysses da Cunha Baggio  
Departamento de Geografia/ UFV

---

Professor Dr. Leonardo Civale  
Departamento de Geografia/UFV

Viçosa (MG)  
2010

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação como Geógrafa, que muito me realiza. Em especial aos meus pais, que me proporcionaram, com muito esforço, a realização desse sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores da Universidade Federal de Viçosa que contribuíram durante esses cinco anos pela minha formação como Geógrafa, em especial à Professora Orientadora Lídia Lúcia Antogiovanini e aos demais integrantes da banca examinadora. Aos colegas de graduação pelos ensinamentos compartilhados e motivação nas horas difíceis. Ao Cris, pela atenção redobrada a mim durante a elaboração desse trabalho. Ao jornalista Marcelo Melo pela imensa contribuição com materiais e fotos que enriqueceram a pesquisa. A Ivete de Castro pela sempre boa vontade em ajudar. Ao jornalista Rodrigo Andrade, por atender aos meus constantes pedidos de socorro tirando dúvidas e indicando fontes. A minha família e amigas da república pelo apoio.

“O presente é o real. O atual que se esvai e sobre ele, como sobre o passado, não temos qualquer força. O futuro é que constitui o domínio da vontade e é sobre ele que devemos centrar o nosso esforço, de modo a tornar possível e eficaz a nossa ação.”

Milton Santos

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>7</b>
<b>LISTA DE MAPAS</b> .....	<b>9</b>
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	<b>10</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>11</b>
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I DA FORJA A USINA</b> .....	<b>16</b>
1.1 A CIDADE DE JOÃO MONLEVADE .....	16
1.2 JOÃO MONLEVADE E SIDERURGIA – ANTECEDENTES.....	17
1.3 A IMPLANTAÇÃO DA SIDERURGIA NACIONAL E A BELGO MINEIRA. ....	20
1.4 A IMPLANTAÇÃO DA BELGO MINEIRA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E EMANCIPAÇÃO MUNICIPAL.....	23
1.4.1 A Cidade-Operária.....	27
1.5 PROCESSO EMANCIPATÓRIO.....	32
<b>CAPÍTULO II DE VILA OPERÁRIA A CIDADE MONOINDUSTRIAL: TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DE JOÃO MONLEVADE</b> .....	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO III ESTRUTURA URBANA E SÓCIOECONÔMICA DA JOÃO MONLEVADE CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>52</b>
3.1 A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO .....	52
3.2 CIRCULAÇÃO E TRANSPORTE.....	54
3.3 EDUCAÇÃO E SAÚDE. ....	56
3.3.1 Educação.....	56
3.3.2 Saúde. ....	60
3.4 JOÃO MONLEVADE E REGIÃO. ....	61
3.5 ECONOMIA DO MUNICÍPIO.....	63
<b>CAPÍTULO IV PONTUAÇÕES E PREVISÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>71</b>
<b>ANEXO A QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>73</b>
<b>ANEXO B FOTOS ANTIGAS E RELEVANTES DA USINA E DA CIDADE OPERÁRIA</b> .....	<b>76</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Social Clube, década de 60....	26
Figura 2 Vista da Leiteria, década de 50/60. ....	27
Figura 3 Vista da Usina e Parte da Cidade Operária, década de 50. ....	28
Figura 4 Centro da Cidade Operária, década de 50. ....	29
Figura 5 Vista da Cidade Antiga, década de 40. ....	29
Figura 6 Vista da Cidade Antiga, década de 60. ....	29
Figura 7 Antiga Rodoviária, na Rua Beira Rio, década de 40. ....	29
Figura 8 Prédio da Antiga Rodoviária. ....	29
Figura 9 Bairro Jacuí, década de 50. ....	30
Figura 10 Bairro Jacuí, atualmente. ....	30
Figura 11 Última casa de madeira existente no Jacuí. ....	30
Figura 12 Vista parcial da Vila Tanque, anos 40. ....	31
Figura 13 Lago dos Escravos, década de 40 ....	31
Figura 14 Construção do Bairro Baú, década de 40. ....	32
Figura 15 Bairro Areia Preta e ao alto a Vila, década de 40. ....	32
Figura 16 Hotel Monlevade, década de 50. ....	35
Figura 17 Hotel Monlevade, atualmente. ....	35
Figura 18 Praça Ayres Quaresma, década de 40. ....	36
Figura 19 Praça Ayres Quaresma, década de 40. ....	36
Figura 20 Pátio do Antigo Colégio, década de 40. ....	36
Figura 21 Cine Monlevade, década de 40. ....	36
Figura 22 Vista da Praça do Mercado, Usina e Parte da Cidade Alta. ....	37
Figura 23 Vista Parcial da Cidade Alta, década de 40/50. ....	37
Figura 24 Vista Parcial da Usina e Cidade Alta, década de 40 e 50. ....	37
Figura 25 Vista Parcial da Usina Siderúrgica da Arcelor Mittal e Bairro Centro Industrial, 2010. ....	37
Figura 26 Subida do Morro do Geo, década de 60. ....	38
Figura 27 Subida do Morro do Geo, atualmente. ....	38
Figura 28 Mercado do Geo, década de 40. ....	39
Figura 29 Prédio do Cassino, década de 50. ....	39
Figura 30 Prédio do Cassino, atualmente. ....	39
Figura 31 Antiga Praça do Mercado, década de 60/70. ....	39
Figura 32 Antiga Praça do Mercado, década de 40/ 50. ....	39
Figura 33 Antiga Praça do Mercado, década de 40/50. ....	40
Figura 34 Prédio do Hotel Siderúrgica, década de 50. ....	41
Figura 35 Prédio do Hotel Siderúrgica, atualmente. ....	41
Figura 36 Solar Monlevade 1. ....	42
Figura 37 Solar Monlevade 2. ....	42
Figura 38 Solar Monlevade 3. ....	42
Figura 39 Solar Monlevade 4. ....	42
Figura 40 Monumento aos operários. ....	42
Figura 41 Museu do Ferro e do Aço. ....	42
Figura 42 Vista da Rua Siderúrgica e Usina, década de 50. ....	43
Figura 43 Vista da Rua Siderúrgica e Usina atualmente. ....	43
Figura 44 Residências no Bairro Centro Industrial - Arquitetura Neoclássica, construções da década de 40. ....	44
Figura 45 Planta da Igreja São José Operário. ....	44

Figura 46 Igreja São José Operário. ....	45
Figura 47 Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, década de 60/70. ....	46
Figura 48 Córrego Carneirinhos, década de 50/60, atualmente no local passa a Avenida Wilson Alvarenga. ....	46
Figura 49 Avenida Wilson Alvarenga, atualmente. ....	47
Figura 50 Avenida Getúlio Vargas, década de 70. ....	47
Figura 51 Avenida Getúlio Vargas, atualmente. ....	47
Figura 52 Carneirinhos, década de 60/70. ....	48
Figura 53 Carneirinhos, atualmente. ....	48
Figura 54 Avenida do Aeroporto. ....	50
Figura 55 Fotografia Aérea da Avenida do Aeroporto e Vila Tanque. ....	50
Figura 56 Prédio na Avenida Gentil Bicalho. ....	51
Figura 57 Mapa de Zoneamento Urbano de João Monlevade. ....	52
Figura 58 Mapa de Acesso Viário. ....	54
Figura 59 Projeto do Hospital Margarida. ....	60
Figura 60 Hospital em construção, década de 50. ....	60
Figura 61 Fachada do Hospital Margarida atualmente. ....	61
Figura 62 Foto aérea da Usina. ....	64
Figura 63 Usina de Monlevade, Arcelor Mittal. ....	64

## **LISTA DE MAPAS**

MAPA 1	Mapa de localização.....	16
--------	--------------------------	----

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 Zonas de Planejamento e Bairros do Município .....	53
---	----

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Municípios Limítrofes: .....	53
TABELA 2	Instituições de Ensino Superior: .....	56
TABELA 3	Instituições e Cursos Técnicos Profissionalizantes: .....	57
TABELA 4	Taxa de Analfabetismo do Município e do Estado:.....	58
TABELA 5	Número de estabelecimento por atividade econômica no Município:.....	65
TABELA 6	Receita Tributária do Município de João Monlevade - 2007a 2009 (R\$): .....	66
TABELA 7	Indicadores Sociais do Município: .....	66

## **LISTA DE SIGLAS**

ADEMON - Agência de Desenvolvimento de João Monlevade

AIR – Adicional de Imposto de Renda

CSBM – Companhia Siderúrgica Belgo Mineira

EIA – Estudo de Impactos Ambientais

FPM – Fundo de Participação dos Municípios

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IPVA – Imposto Sobre a Propriedade de Veículos Automotores

ISS – Imposto Sobre Serviços

ITCD – Imposto Sobre a Transmissão Causa Mortis e Doação

PIB – Produto Interno Bruto

RIMA – Relatório de Impactos Ambientais

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

## **RESUMO**

A política de incentivo a industrialização estabelecida por Getúlio Vargas a partir da década de 30 deu margem à implantação da Siderúrgica Belgo Mineira nas terras do antigo Solar Monlevade, de propriedade do francês Jean Antoine Felix Dissendes de Monlevade no ano de 1935, germinando o atual município de João Monlevade. Inicialmente composta por Vilas Operárias construídas e geridas pela própria empresa, a cidade que nasceu como uma Cidade Operária cresceu para além dos limites das antigas Vilas, agregando novos atores sociais-chaves ao seu processo de desenvolvimento, fortalecendo ainda o setor terciário. Apesar disso, configura-se ainda hoje como uma cidade monoindustrial economicamente estruturada sobre a siderurgia.

Palavras Chaves: Belgo Mineira, Siderurgia, Cidade Operária, João Monlevade, Vilas Operárias.

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho de pesquisa visa colaborar com as discussões em torno da industrialização como motor de desenvolvimento econômico e impulsionador da urbanização no país, a partir da década de 40, principalmente. Considerando que esse processo de interferência do setor privado na gestão territorial das áreas onde estão inseridas nunca se interrompem apenas mudam de foco à medida que as necessidades operacionais indispensáveis ao seu funcionamento também mudam.

Essa pesquisa ao ser realizada como trabalho de conclusão do curso de geografia teve o intuito de contribuir para o debate da organização sócio-espacial de uma cidade a partir de um agente econômico que desempenha papel fundamental no crescimento e estruturação da cidade em todas as suas esferas.

A partir de observações em fotografias antigas e visitas a campo, foi possível perceber a evolução da paisagem urbana da cidade de João Monlevade, germinada a partir da implantação da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira em 1935. Além disso orientou para um maior entendimento de como as ações econômicas refletiram no espaço urbano local. A empresa ao implantar a Usina Siderúrgica no local, planejou todo o espaço ao seu entorno, a fim de viabilizar a reprodução de suas atividades produtivas, a começar pela fixação de mão de obra.

Além disso, através de consultas aos meios de comunicação locais e conversa com o atual assessor de comunicação da Siderúrgica foi possível identificar mudanças na relação da empresa com o município desde a sua implantação até os dias atuais. Resume-se num primeiro momento ao completo assistencialismo, seguido por um corte abrupto e mais tarde uma reorientação estruturada por parcerias com o poder público local.

Para auxiliar na identificação de quais as transformações espaciais são mais percebidas pelos seus habitantes e como a atuação da Siderúrgica é avaliada no decorrer do tempo, foram aplicados questionários a antigos moradores das Vilas Operárias construídas pela empresa.

A análise dos impactos da Siderúrgica no atual desenvolvimento socioeconômico do município foi guiada por materiais disponibilizados pela Agência de Desenvolvimento de Monlevade - ADEMON, além de pesquisas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Nos primeiros capítulos uma contextualização histórica do tema, em escala nacional a partir do desenvolvimento da Siderurgia no Brasil e surgimento das Cidades Empresas permitem posteriormente maior entendimento da análise para a escala local, identificando os

principais fatos que resultaram na instalação da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira no antigo arraial, e o nascimento da cidade de João Monlevade.

A partir daí torna-se mais clara a ascendência da Siderúrgica local sobre o atual desenvolvimento de infra-estrutura do município e como ela atua na gestão do espaço urbano, removendo obstáculos a ação dos fluxos que ela gera direta ou indiretamente, e apontar a relação da Usina com a cidade, através de investimentos e parcerias com o poder público local, que contribui para o atual estágio de desenvolvimento econômico e social do município.

De maneira geral, o presente trabalho apresenta uma análise das mudanças sócioespaciais e econômicas efetivadas no espaço urbano de João Monlevade sob a influência da Usina Siderúrgica local, que atua favorecendo a criação de fixos e dinamização dos fluxos na cidade, influenciando na organização espacial e contribuindo na melhoria de infra-estrutura urbana e desenvolvimento econômico do município.

## CAPÍTULO I DA FORJA A USINA.

A instalação da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira no antigo Arraial de Monlevade vai definir em grande parte os rumos do que viria a se tornar João Monlevade. Esse capítulo elucidada, portanto, além de uma apresentação sumária da cidade atualmente, a ligação histórica da Empresa e do município com o desenvolvimento do sistema produtivo que deu origem a moderna siderurgia no Brasil, enfocando ainda numa escala local, as transformações advindas nesse sentido. Daí o título: “Da Forja a Usina”.

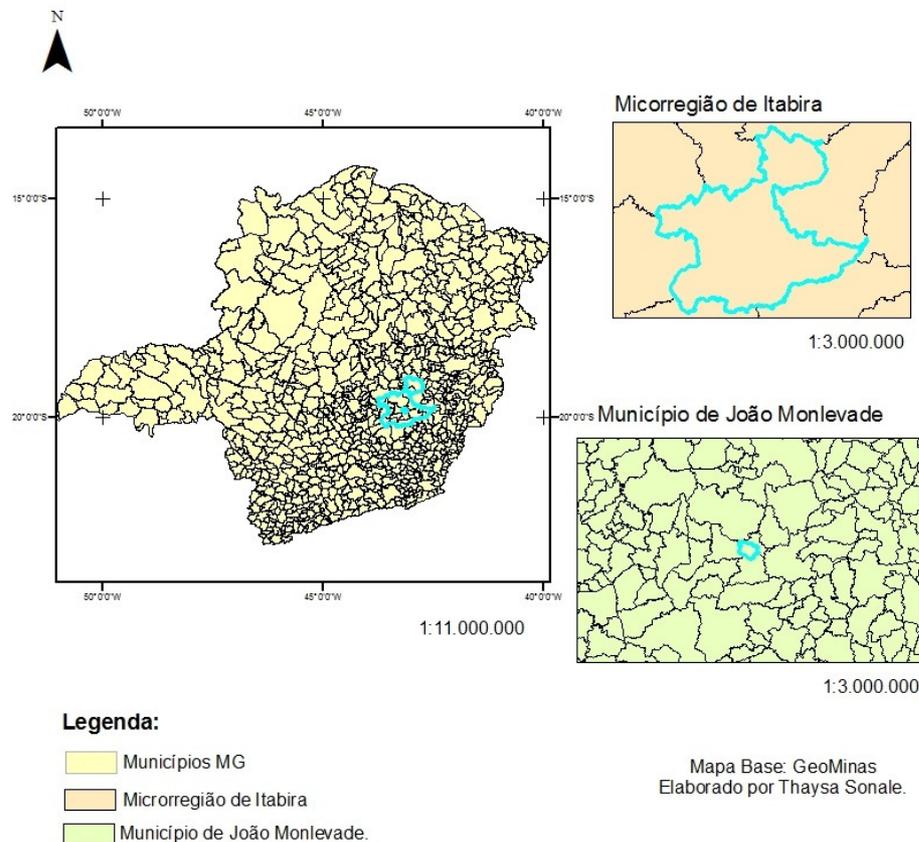
### 1.1 A CIDADE DE JOÃO MONLEVADE.

João Monlevade é uma cidade localizada em Minas Gerais, mais precisamente na microrregião de Itabira, distando 110 Km da capital Belo Horizonte, situando no quadrilátero ferrífero, região que se destaca como a principal produtora de minério de ferro no país.

#### MAPA 1

Mapa de localização.

#### Mapa de localização - João Monlevade:



A cidade está inserida numa região de mata atlântica, considerada ainda região de transição entre tal bioma e o cerrado, tendo como principais cursos d'água os Rios Piracicaba e Santa Bárbara.

O município apresenta 68% de sua área de relevo montanhoso, 20% ondulado e apenas 12% plano. A Serra do Ceara com seus 1340 metros de altitude, é o ponto mais alto do município, que apresenta próximo ao córrego do Jacuí sua mínima de relevo, 930 metros. O clima predominante é o tropical de altitude, típico das regiões elevadas do sudeste do Brasil, e a temperatura média é de aproximadamente 20,1 °C.

## 1.2 JOÃO MONLEVADE E SIDERURGIA – ANTECEDENTES.

No Brasil, as primeiras fábricas de ferro que precariamente produziam ferramentas e utensílios para auxiliar nas atividades agrícolas e mineradoras, foram implantadas ainda no Período Colonial.

Com a decadência da extração aurífera na região, desde o fim do século XVIII, as atenções já se voltavam para a necessidade de se implantar a atividade siderúrgica nas Minas Gerais, seja como forma de baratear e aprimorar a produção mineral, ou como forma de diversificar a economia local.

O alvará proibitivo assinado por Dona Maria I, em 1780, no entanto, impedia a instalação de manufaturas na Colônia, e assim todas as tentativas e planos fracassaram. Somente em 1795 a produção de ferro em Minas Gerais foi concedida, e a partir daí a situação produtiva começou a mudar.

Tal atividade econômica, porém, só começa a ganhar importância no início do século XIX, com a instalação da Real Fábrica de Ferro do Morro do Pilar, arredores do Tijuco, sob o comando do Intendente Câmara.

Nessa mesma época outras fábricas foram criadas no território nacional, podendo citar a Fábrica Ipanema instalada em 1810, onde hoje se encontra a cidade de Sorocaba. No ano seguinte em Congonhas do Campo (MG) construiu-se a Usina Patriótica, que mantinha grande proximidade aos centros mineradores de ouro.

Destacava-se no cenário nacional, porém, a Fábrica de Ferro do nobre francês, engenheiros de minas por formação, Jean Antoine Felix Dissendes de Monlevade, que chegou ao Brasil no ano de 1817.

O francês descendia de duas famílias tradicionais e nobres locais – os Bogenet e os Monlevade. Formou-se em 1812, em engenharia na Escola Politécnica de Paris, ingressando na École de Mines de Paris, onde se especializou na área de mineração e metalurgia.

A região das Minas Gerais se caracterizava em um amplo campo de estudo para profissionais dessa área, e a fartura mineral da Capitania naturalmente já era conhecida na Europa.

Naquela época, tendo findado o expansionismo Napoleônico, as relações entre a França e Portugal eram boas. Sendo assim o jovem engenheiro deixa a França no início de 1817 e aporta no Rio de Janeiro em 14 de maio de 1817, então com 28 anos de idade.

Em agosto de 1817 o Governador de Minas, D. Manoel de Portugal e Castro, concede a permissão de entrada do jovem na Capitania das Minas Gerais, e assim Jean Monlevade inicia viagens a diferentes Comarcas e Distritos.

No ano seguinte, passa a residir em Caeté, onde constrói um forno e uma Forja Catalã, prestando serviço para a Fábrica Patriótica. A contribuição do Engenheiro na implantação do modo de produção, em muito contribui para o desenvolvimento siderúrgico no momento, pois de acordo com Furtado:

O sistema de forjas catalãs era muito mais aprimorado do que os sistemas de cadinho ou do italiano, mais usados até então em Minas Gerais. Tratava-se de um forno feito de pedras onde o ar frio era insuflado por meio de foles, ou por uma roda d'água. Dentro do forno, colocavam-se camadas sucessíveis de carvão e minério de ferro. Quando o primeiro queimava, insuflado pelo ar frio introduzido pelos foles, o minério era reduzido em metal. (FURTADO, 2009, p.382)

Segundo Passos (1973), o nobre francês antes mesmo de vir para o Brasil travou amizade com um estudante de medicina brasileiro, natural de Rio Piracicaba, que recém formado em medicina na antiga Escola Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, foi se especializar em Paris. Ao saber do desejo de Jean Monlevade em conhecer o Brasil, o jovem lhe dá uma carta de recomendação para que entregue a seus familiares residentes em sua cidade natal.

Em 1825, depois de percorrer diversas comarcas, atraído pela riqueza das redondezas, adquiriu duas léguas de terras próximas ao Arraial de São Miguel de Piracicaba, providenciando a construção da fazenda que logo ficou pronta, se destacando imponente na paisagem do vale Piracicaba, como ressalta Passos (1973).

Ali instalou uma das mais importantes fábricas de ferro do império. O transporte do maquinário vindo da Inglaterra depois de abarcado no porto do Rio de Janeiro e mandado até o Espírito Santo foi feito com muita dificuldade em pequenas canoas, pelo Rio Doce.

A localização da fábrica era excepcional, oferecia matéria prima em abundância, além de água e matas que forneciam carvão. Era empregado na fábrica, o modo catalão de produção. Jean Monlevade, grande conhecedor da área, estava sempre à frente do trabalho na fábrica, participando ativamente de todas as etapas produtivas, o que muito contribuiu para o sucesso que a tornou em pouco tempo a mais importante da Província, como afirma Passos (1973).

A fábrica era um edifício de grandes proporções – cerca de 230 palmos de comprimento, 104 de largura e 45 pés de altura. No seu interior foram instaladas seis fornalhas, três forjas e três malhos ou martelos. Ficava às margens do Rio Piracicaba, cujas águas eram utilizadas como força motriz, a partir de duas rodas hidráulicas que abasteciam um tanque de água e movimentavam duas mãos de pilão. Fazia parte do conjunto um engenho de serrar madeira e uma máquina de tornear ferro. Produzia, no início, trinta arrobas de ferro por dia. Todo o conjunto era movimentado com mão de obra escrava. ( FURTADO, 2009, p.383)

O jovem engenheiro tratou de ele mesmo de preparar seus escravos tecnicamente para o trabalho na fábrica, que produzia ferramentas, como enxadas, foices, machados, moendas para engenho de cana, entre outros artefatos. Por volta de 1854, a forja atingiu seu auge, produzindo noventa toneladas anuais, apesar dos obstáculos ao desenvolvimento da indústria local, que se resumiam a falta de infra-estrutura para transporte e principalmente pela concorrência estrangeira, facilitada pela política tarifária adotada no país na época.

A fábrica manteve culminância produtiva até 1872, quando falece Jean Monlevade, entrando a partir daí em decadência, sendo assumida por diversos administradores, que substituem a forja catalã pela italiana, menos rentável que a anterior. Além disso, com a abolição da escravidão em 1888, surge ainda a dificuldade de mão de obra, até então suprida pelos escravos. Alia-se a isso a competição dos ingleses e uma política econômica nacional que não favorecia a produção nacional.

Em 1891, a Forjaria foi vendida à Companhia Nacional das Forjas e Estaleiros, pela quantia de 150 contos de réis, passando a ser gerida pelo engenheiro Francisco Monlevade, que não medira esforços para tentar recuperar a fábrica que pertencera ao avô.

Em 1897, porém, a fábrica entra em falência, passando a pertencer ao Banco Ultramarino do Rio de Janeiro. Dentre os motivos destaca-se a dificuldade de mão de obra, e principalmente a ineficiência do sistema de transporte da região, que impossibilitava o escoamento rápido da produção. É importante destacar que o desastre da Usina Monlevade não pertenceu a falta de competência técnica dos seus diretores (PASSOS, 1973).

A partir desse período, mudou-se o quadro político do Brasil algumas vezes, até que por fim, ascendeu-se a Siderurgia no país. Minas Gerais já se destacava pelo seu potencial siderúrgico, quando em 1920 vem ao Brasil o rei Alberto I da Bélgica a convite do Presidente

Arthur Bernardes, e faz também uma visita a Belo Horizonte. O Presidente, ao convidar o Rei para conhecer a capital mineira, tinha o intuito de evidenciar o potencial siderúrgico do Estado, atraindo investimentos europeus a Minas Gerais.

Em 1917, jovens engenheiros recém formados da Escola de Minas de Ouro Preto, criaram em sociedade com outros pioneiros, a Companhia Siderúrgica Mineira, em Sabará. Logo depois da visita do Rei belga ao Brasil, em 11 de dezembro de 1921, houve uma assembléia onde acionistas da Companhia Siderúrgica Mineira discutiram propostas para aumentar o capital da empresa, que seria subscrito pela ARBED – *Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange*. A partir daí nasce a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, entrando em 1925 em operação a Usina de Sabará.

A Usina Piloto de Sabará não estava apresentando resultados expressivos, tendo as atividades paralisadas entre 1926 e 1927. A ARBED envia então o Engenheiro Luxemburguês Louis Ench, para avaliar os problemas da Usina cogitando inclusive o encerramento dos negócios no Brasil. O Engenheiro ao chegar ao Brasil certifica-se de que o auto-forno de Sabará não precisa ser fechado e sim incluir uma melhor administração. Conhecendo a área da antiga Fazenda Solar e Forjaria, que já pertencia a ARBED, Louis Ench sugere ainda abrir uma Usina Siderúrgica nas terras que outrora pertenceram a Jean Monlevade.

Nos anos seguintes a indústria nacional passa por um grande desenvolvimento, em especial a Siderurgia. Getúlio Vargas, presidente do Brasil naquela época, destaca-se como grande mentor da implantação da grande siderurgia no país. Sendo a falta de infra-estrutura de transporte empecilho ao desenvolvimento da siderurgia nas antigas terras de Jean Monlevade, o então presidente se compromete a promover a ligação ferroviária da região.

Em agosto de 1935 foi inaugurado numa mesma cerimônia o ramal ferroviário de Santa Barbara e o lançamento da pedra fundamental da Usina de Monlevade, inicialmente batizada de Usina Barbanson em homenagem ao então presidente da ARBED, que tiveram suas operações iniciadas em 1937, fabricando inclusive, os primeiros trilhos da história do país.

### 1.3 A IMPLANTAÇÃO DA SIDERURGIA NACIONAL E A BELGO MINEIRA.

A historia da siderurgia de auto-forno no Brasil inicia-se nos primeiros anos do século e se consolida na década de 40, com a construção da Indústria Siderúrgica Nacional, a CSN.

Antes disso, porém, importantes iniciativas já tinham sido tomadas nesse contexto, pela preocupação de nacionalizar as riquezas do país, além de impulsionar o desenvolvimento econômico.

Em 1907 foi criado o Serviço Geológico e Mineral do Brasil, por engenheiros formados na Escola de Minas de Ouro Preto. Tinha como objetivo estudar o solo e subsolo brasileiro, a fim de conhecer e adequar ao seu melhor aproveitamento. Daí surgiram ainda, as primeiras reivindicações para a estatização da siderurgia sendo que no ano seguinte já concluíam levantamentos completos das jazidas de ferro e manganês de Minas Gerais.

No início do século, a aquisição de produtos provenientes do ferro aumentavam significativamente o valor das importações na balança de pagamentos do país, o que não fazia sentido diante da riqueza mineral situada no subsolo brasileiro.

Entre 1909 e 1911 foi formulada uma política siderúrgica onde empresas mineradoras eram incentivadas a instalarem indústrias siderúrgicas. A primeira proposta veio do grupo inglês Brazilian Hematite Syndicate, surgindo daí a Itabira Iron Ore Company, que pretendia explorar as jazidas minerais localizadas em Itabira, Minas Gerais. Mais tarde a empresa ainda foi desmembrada em: Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia S/A e a Companhia Itabira de Mineração. Tais empresas, juntamente com a Estrada de Ferro Vitória-Minas, através do “Acordo de Washington”, firmado em 1942, deram origem a Companhia Vale do Rio Doce ( CVRD).

Com a Primeira Guerra Mundial, em 1914 , o mercado fornecedor de produtos siderúrgicos fica comprometido e isso provoca uma mudança na política siderúrgica nacional, passando o Estado a emitir empréstimo para financiamento de usinas que produzissem acima de 20 toneladas por dia.

Nos anos seguintes a empresa Itabira Iron Ore Company não colocou em prática nenhuma de suas intenções. O projeto foi então bloqueado pelo Presidente Arthur Bernardes, que aprova, no ano de 1921, o consórcio entre a Companhia Siderúrgica Mineira e o grupo belga ARBED, fundando a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, como já mencionado nesse trabalho.

Em 1925 entra em operação o primeiro forno Siemens Martin<sup>1</sup> e o laminador de perfis leve e vergalhões na Usina de Sabará, Minas Gerais e a Belgo Mineira se transforma na primeira usina integrada da América do Sul.

---

<sup>1</sup> O forno Siemens-Martin é uma das maneiras de produzir aço a partir de ferro-gusa. O ferro-gusa, o calcário e o minério de ferro são colocados em um forno Siemens-Martin. Este é aquecido a aproximadamente 871 °C (1600 °F). O calcário e o minério formam uma escória que flutua na superfície. As impurezas, incluindo o carbono, são oxidadas e migram do ferro para a escória. Quando o teor de carbono está correto, você terá aço-carbono.

Com a saída de Arthur Bernardes da presidência em 1926, houve um retrocesso na siderurgia nacional, com o aumento da demanda e ineficiência da produção, além da descontinuidade das iniciativas tomadas até então.

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, pela revolução de 30, a questão siderúrgica brasileira volta a centralizar as discussões a respeito do desenvolvimento econômico do país. É importante salientar que nesse período inicia-se a participação dos militares nas decisões políticas do governo, como afirma Piquet (1998).

Em 1937 Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo<sup>2</sup>. O então presidente passa a estimular o desenvolvimento industrial, visando substituir as importações pela produção nacional. Nesse período, tanto o número de fábricas nacionais aumenta expressivamente como também a instalação de filiais estrangeiras nos setores químicos, farmacêutico e elétrico, principalmente.

A principal preocupação anunciada por Vargas, porém, se referia a siderurgia que viabilizaria a criação da indústria de base no país. Para isso contou com a cooperação de capitais estrangeiros, fundando empresas para operar no setor siderúrgico e de mineração.

Destacam-se a criação da Companhia Vale do Rio Doce – CVRD – voltada à exploração de minério de ferro no estado de Minas Gerais e da Companhia Siderúrgica Nacional, a CSN.

A CSN foi fundada em 1941, na cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro. A produção de aço dessa usina era considerada fundamental para o avanço da industrialização do país. É importante destacar que tanto a Companhia Siderúrgica Nacional quanto a Companhia Vale do Rio Doce foram motivos de orgulho para os governantes, consideradas ainda, empresas-modelo fundamentais ao desenvolvimento econômico nacional.

Enquanto isso a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira opera continuamente. Em 1937 iniciam-se as atividades da Usina de Monlevade, onde são produzidos os primeiros trilhos do país. A primeira corrida de aço ocorre em 1938, e nesse período a CSBM atinge a margem de quase 50% da produção de aço do Brasil.

---

<sup>2</sup> Governo ditatorial implantado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, com o fechamento do Congresso e a criação de uma nova Constituição que substituiu a Constituição de 1934. Durou até o ano de 1945. Nesse período houve grande intervenção estatal na economia e a industrialização nacional se desenvolveu intensamente.

#### 1.4 A IMPLANTAÇÃO DA BELGO MINEIRA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E EMANCIPAÇÃO MUNICIPAL.

A implantação da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira foi acompanhada na década de 30, pelo início das obras do que viria mais tarde se tornar o município de João Monlevade.

A operação da nova empresa exigia infra-estruturas não disponíveis nos arredores da antiga Forjaria. Dessa forma, foi necessário investimento em meios de comunicação, estrada, energia elétrica, serviços e moradias aos funcionários, com o intuito de criar condições operacionalmente indispensáveis para produção.

Como afirma Piquet (1998), as grandes empresas quando planejam a si mesmas, planejam também os lugares em que se instalam tanto no âmbito urbanístico, como econômico e social, marcando presença ainda, na vida política. Vale ressaltar ainda que as empresas precisam do apoio de políticos e da elite local para desenvolvimento de seus projetos, a começar pela fase de instalação.

As propostas urbanísticas para a construção da Cidade Industrial de Monlevade, com o intuito de criar bases para a produção da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, foram analisadas a partir de um concurso que contou com o envio de treze projetos. Tal iniciativa se configurou segundo Lima (1999), como a primeira desencadeada por uma empresa privada no Brasil. O autor afirma ainda que o grande interesse demonstrado pelas equipes técnicas confirmam a importância do concurso que permitiu o confronto de idéias ainda vinculadas à formação politécnica das cidades-jardins do século XIX e de uma vanguarda influenciada por Le Corbusier e pelo racionalismo europeu.

O projeto do engenheiro Lincoln Continentino conquistou o primeiro lugar, e levava em consideração vários elementos essenciais ao bom regimento de uma cidade moderna. Dessa forma, foram ressaltadas as condições sanitárias, desde o saneamento básico ao abastecimento de leite e alimentos em geral, levando em consideração o que havia de mais atual na organização e planejamento das grandes cidades.

Lima (1999) cita que a configuração da cidade foi estabelecida por um zoneamento que definia dois setores residenciais e uma parte comercial ligadas a área industrial da Usina. Os setores eram divididos pela Estrada de Ferro Central do Brasil, prevendo-se para cada um deles uma praça de convívio, e no entorno, localizar-se-ia o centro comercial e administrativo, onde situariam equipamentos urbanos essenciais ao desenvolvimento da vida na cidade operária, como padarias, clubes e armazéns.

A topografia irregular do local impossibilitou arruamentos retilíneos formando polígonos, dessa forma, as ruas foram projetadas ajustando as larguras das vias de forma a

viabilizar o tráfego e em conformidade com a declividade do terreno. A concepção do plano previa que as vias principais possibilitassem a fluidez do trânsito, já as ruas residenciais deveriam impedir a alta velocidade dos automóveis, de maneira a evitar acidentes.

O projeto de Continentino apresentava ideários politécnicos do século XIX, porém calcado em novos materiais e técnicas para a construção de cidades modernas. Foi o engenheiro luxemburguês Louis Ensh o responsável pela implementação do plano urbanístico da Cidade Industrial de Monlevade, aproveitando parcialmente algumas propostas das equipes técnicas, em especial a organização geral apresentada por Continentino, como pode ser observado ainda hoje na antiga Vila Operária (LIMA, 1999).

Outro projeto que se destacou no concurso foi do arquiteto Lúcio Costa. O arquiteto representou detalhadamente as edificações da Vila Operária, mas ao contrário do projeto de Continentino, não havia representações dos parâmetros urbanísticos e nem mesmo de regras de saneamento, como afirma Lima (1999).

As unidades habitacionais operárias localizam-se, no projeto de Lúcio Costa, no entorno das praças onde se situam os centros comerciais e de lazer. As casas permeiam áreas verdes, e todas as construções são projetadas a respeitar a topografia inclinada do terreno.

O projeto de Lúcio Costa ocupou o último lugar na classificação do concurso, apesar de ser considerado um marco da nova arquitetura no Brasil. Provavelmente isso se deve não em relação às habitações, tão bem representadas em seu projeto, mas sim, pela ausência de detalhes estruturais urbanos.

A partir de 1930, o governo de Getúlio Vargas, instituiu uma política industrializante no país, pautado na substituição de mão de obra imigrante pela nacional, ocorreu principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, eixo que define a grande concentração de indústrias até os dias atuais.

Apesar de as cidades no Brasil preexistirem à indústria, foi com o advento do processo de industrialização nesse período que a urbanização toma um novo impulso, passando a se consolidar a partir da década de 40.

Como afirma Piquet (1998), a cidade é o *locus* por excelência da atividade industrial, pois, como aglomerado populacional possui dupla função, configurar como mercado de consumo e propiciar a formação de mercado de trabalho, sendo ambas essências para a produção lucrativa. Por isso, devido à carência da malha urbana brasileira, os empresários do início do século são levados a realizar altos investimentos, construindo verdadeiras cidades nucleadas por suas fábricas.

Esse processo teve participação tanto do capital estatal, como no caso da Companhia Siderúrgica Nacional, que entre 1941 e 1945 realiza a construção da Usina e Cidade Operária; quanto do capital privado, nacional e estrangeiro, onde podemos citar a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira e mais tarde a Usiminas na Vale do Aço, ambas em Minas Gerais.

A cidade-empresa implantada pela Companhia Belgo Mineira foi pioneira no setor, tendo os trabalhos de construção da usina e da cidade iniciados, em 1935. Num primeiro momento foram montados acampamentos para os trabalhadores, e depois com a necessidade de se fixar mão de obra, iniciam-se a construção das Vilas Operárias.

O plano urbanístico da Vila Operária de Monlevade reproduzia no espaço urbano a hierarquia funcional da usina, dispondo o espaço de moradia e lazer pela categoria social e padrão salarial dos operários. Tal procedimento era comum na construção das cidades-empresa, seguindo uma tendência ainda comum nas cidades atuais, a partir da segregação espacial por classes sociais, nesse caso unificadas pela centralidade da igreja e da praça do mercado.

A construção de Vilas Operárias vem atender as necessidades do capital, pois além de garantir a mão de obra produtiva, permitem ainda o controle social e ideológico do capital sobre sua força de trabalho, à medida que essas se tornam extensões da esfera de produção. Sendo não apenas empregadora, mas também proprietária das moradias e provedora dos serviços e equipamentos urbanos, as empresas acabam por determinar as regras a serem cumpridas, não só no ambiente de trabalho, como também fora dele; exercendo influência em todas as esferas da vida do operário (PIQUET, 1998).

O controle social se dá ainda, segundo Piquet (1998), a partir do policiamento dos comportamentos individuais pelos grupos sociais, pois em consequência do convívio prolongado a privacidade tende a desaparecer. Segundo a autora, esse controle se dá tanto entre os diferentes estratos que compõem as comunidades operárias, como dentro do mesmo grupo social.

A participação da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira no planejamento do espaço em seu entorno, nos primeiros 30 anos de sua presença no local, construindo e administrando bairros e toda a infra-estrutura necessária a sua atuação é evidente.

Antes da instalação da empresa, João Monlevade era apenas um arraial, pertencente à cidade de Rio Piracicaba. A partir do lançamento da pedra fundamental da Usina, em 1935, inicia-se um período de desenvolvimento sócioeconômico, até hoje existente, em consequência da atividade siderúrgica.

Primeiro surgiram os acampamentos para os trabalhadores da construção da Usina, que depois foram dando lugar a construção das Vilas Operárias que passam a abrigar não só os trabalhadores, mas toda a sua família. As Vilas constituíam uma verdadeira cidade, funcionalmente oferecia todas as condições para a vida em sociedade dos moradores.

Até a emancipação do município em 1964, a Belgo oferecia todos os serviços para a população operária, além de alguns auxílios. Desde o início da construção da Usina e das Vilas Operárias foram montados ambulatórios e centros médicos, tendo o Hospital Margarida sido inaugurado em 1952.

Além disso, destaca-se a leiteria ou lactário, instalada no centro da cidade-operária, em frente ao viaduto do Morro do Geo. Dispondo ainda de mais sete pontos de distribuição e um serviço de entrega domiciliar, a Usina de leite recebia diariamente 2000 litros de leite, vindos de toda a região. Depois de feita toda a análise, tratamento e engarrafamento do leite, o abastecimento atendia aos empregados da Usina e seus familiares. A leiteria distribuía ainda manteiga, e para as crianças, mingau.

O lazer era garantido pelos clubes sociais construídos na Usina, podendo citar o Grêmio e o Ideal, localizados na Cidade Alta, recintos de eventos comemorativos da comunidade local, e o Cine Monlevade. Mais tarde foi construído, inicialmente voltado aos funcionários de altos cargos da Usina e estrangeiros, o Social Clube, que ainda hoje atende a população da cidade.



Figura 1 Social Clube, década de 60.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

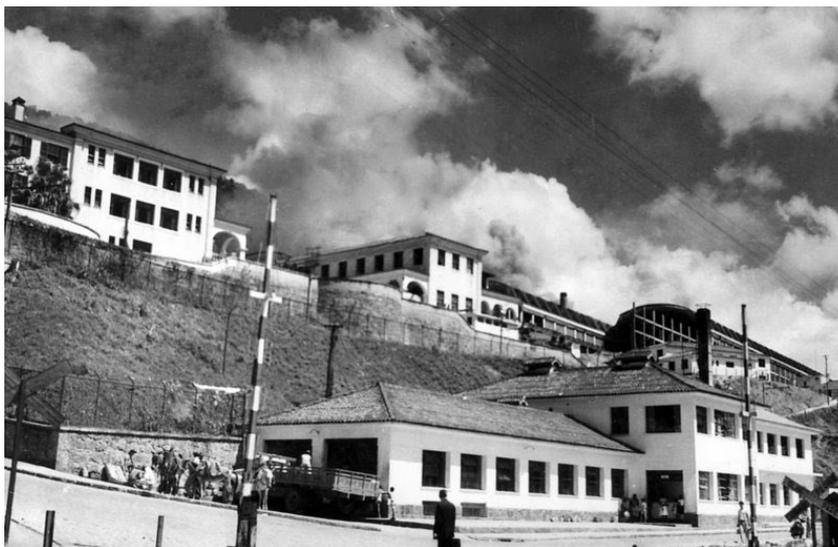


Figura 2 Vista da Leiteria, década de 50/60.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

Como já citado, a organização espacial da Vila reproduzia a hierarquia funcional do operário dentro da Usina. Foram construídas diferentes unidades habitacionais, especialmente concentradas, que variavam em tamanho e materiais de construção. As casas podiam ser em alvenaria ou madeira.

#### 1.4.1 A Cidade-Operária.

Em João Monlevade, as Vilas Operárias foram construídas paralelamente à instalação da Usina, com o intuito de fixar mão-de-obra, revelando ainda a necessidade de se promover as condições gerais da produção, já que eram completamente ausentes padrões de urbanização essenciais ao desenvolvimento da Siderurgia no local.

Nesse contexto foi se formando o espaço urbano de João Monlevade, sempre influenciado pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. A empresa, como expressão de poder econômico tende a interferir no modo de vida da sociedade em seu entorno, disseminando suas concepções. No caso da Vila Operária, essa situação se acentua ainda mais, pois a cidade surge como um anexo da empresa, integrada e subordinada a ela. Acompanhando essa tendência é possível compreender que as relações sociais que se formaram no município estavam predominantemente ligadas a Siderúrgica, voltadas principalmente a reprodução de seus interesses.



Figura 3 Vista da Usina e Parte da Cidade Operária, década de 50.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo

Dessa forma, desde o início da urbanização de João Monlevade a lógica da relação entre a cidade e a empresa era voltada a viabilizar a reprodução do capital siderúrgico, atendendo as exigências produtivas. Inicialmente, as Vilas – e por conseqüência a população – eram completamente subordinadas a Siderúrgica, e toda a dinâmica social era gerida diretamente pela direção da empresa, que ampliava o controle sobre sua força de trabalho para além dos portões da Usina. Essa situação perdura do final da década de 30, quando a Usina inicia as suas atividades, até o ano de 1964 quando o município se emancipa e as relações da Cidade com a Empresa tomam outros rumos.

A Vila dos Operários construída no entorno da Usina nas décadas de 1930 e 1940, era composta por residências para os operários de classe média e baixa, margeando o Rio Piracicaba e a linha férrea, além da Cidade Alta, localizada na porção mais alta do terreno. Era formada pelas Ruas Siderúrgica, Tietê, Beira Rio – onde se situava a Estação Rodoviária –, Carijós, Tupi, dentre outras. Vale ressaltar ainda que a Cidade Alta, composta por ruas de nomes indígenas era residida por operários; enquanto as residências das Ruas Siderúrgica e Beira Rio eram voltadas a “encarregados” da Usina. O centro comercial, composto pela Praça do Mercado e a Praça Ayres Quaresma, também se localizava na Vila dos Operários, assim como a Leteria, o Cassino e os Hotéis Siderúrgico e Monlevade.

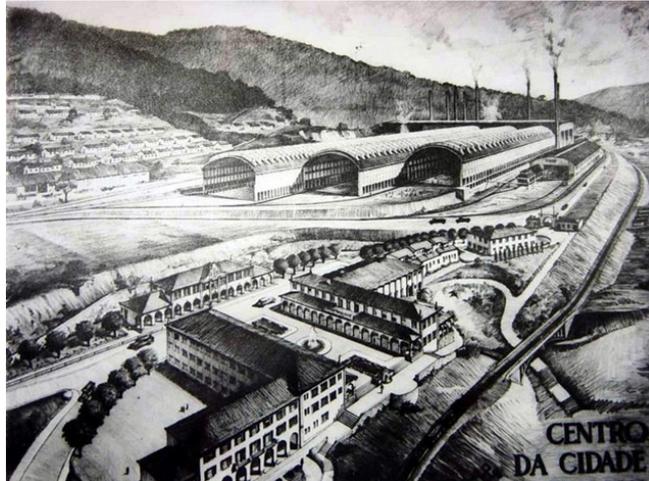


Figura 4 Centro da Cidade Operária, década de 50.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 5 Vista da Cidade Antiga, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 6 Vista da Cidade Antiga, década de 60.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 7 Antiga Rodoviária, na Rua Beira Rio, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 8 Prédio da Antiga Rodoviária.

Foto: Thaysa Sonale/set.2010

O Jacuí de baixo, atual bairro Jacuí de João Monlevade, localizado na saída para o município de Rio Piracicaba, era composto de casas de madeira. Localizava-se um pouco

mais distante da Usina, e era ocupado por classes operárias mais baixas dentro da hierarquia local.



Figura 9 Bairro Jacuí, década de 50.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 10 Bairro Jacuí, atualmente.

Fonte: Thaysa Sonale/set 2010.



Figura 11 Última casa de madeira existente no Jacuí.

Fonte: Thaysa Sonale/set 2010.

A imagem evidencia única casa de madeira ainda existente no bairro, originalmente construída na década de 40, pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira para residência de operários, no Jacuí

Dentre os bairros construídos a partir da década de 40 pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, destaca-se a Vila Tanque, atual bairro de classe média a média alta de João Monlevade. Lá está localizado o único hospital do município, construído pela Belgo Mineira e inaugurado no ano de 1952. Além disso, o bairro abriga o antigo Centro Tecnológico, atual Funcec - Fundação Comunitária, Educacional e Cultural de João Monlevade, o Arpas, o Campo de Aviação, o Senai e a famosa Avenida do Aeroporto, habitada na época pelos engenheiros da Usina, e que ainda hoje mantém um certo *status* social na cidade.

Próximos a Vila Tanque estão situados os bairros Baú e Areia Preta; além da Vila dos Técnicos. Vale citar ainda o bairro Santa Cruz, construído um pouco mais afastado da Usina,

voltado à operários menos qualificados. Todos os bairros foram erguidos na mesma época, compondo a Cidade Operária da Belgo Mineira, que mais tarde originou o atual município de João Monlevade.



Figura 12 Vista parcial da Vila Tanque, anos 40.

Fonte: Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo



Figura 13 Lago dos Escravos, década de 40 .

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

Lago onde está hoje construída a Escola Geraldo Parreiras. Servia como bebedouro para os animais e como tanque natural, pois as donas de casa lavavam lá suas roupas. Daí surgiu o nome Vila Tanque.

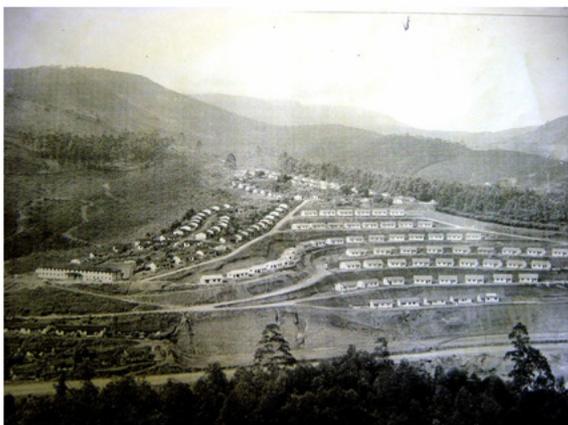


Figura 14 Construção do Bairro Baú, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

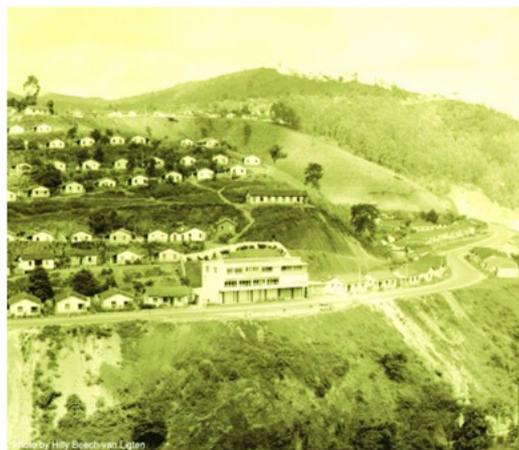


Figura 15 Bairro Areia Preta e ao alto a Vila, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

### 1.5 PROCESSO EMANCIPATÓRIO.

Na década de 50, a Belgo Mineira, beneficiada pela conjuntura nacional ampla e moderniza a Usina de Monlevade, e se destaca na produção de aço do país. As expansões geram oportunidades de emprego que induzem a um aumento significativo do fluxo migratório. Movimentos emancipatórios começam a tomar forças, com a participação efetiva de fazendeiros e comerciantes residentes em Carneirinhos, principalmente.

Com a Lei Estadual nº 336, promulgada em 27 de dezembro de 1948, criou-se o Distrito de João Monlevade. Desse período em diante fatos significativos aconteceram como a inauguração da Paróquia de São José Operário e a nomeação de seu primeiro pároco, o Cônego José Higino de Freitas (1948), a instalação do Cartório Civil (1949), a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos (1951), a inauguração do Hospital Margarida (1952), a criação do Ginásio Monlevade (1955) e a formação da Comissão Pró-Emancipadora (1958).

A Comissão era formada por Germin Loureiro como presidente, Olímpio Carvalho Lage como secretário e Raimundo José Caldeira como tesoureiro; além dos membros: Alberto Pereira Lima, José Pedro Machado, Antônio Loureiro, Alonso Batista leite, Carlos Caldeira, Randolpho Moreira de Souza, José Loureiro, Geraldo de Paula Santos e Pedro Danilo Bicalho.

Ao se encontrar em Ponte Nova com o então Presidente da República Juscelino Kubitschek, que no momento estava acompanhado por Tancredo Neves, os membros da comissão foram aconselhados que entrassem em acordo com a Belgo Mineira, que logo se manifestou a favor da Emancipação. Seguiram-se as manifestações, até quem 1963 apesar das

muitas emancipações ocorrentes no Estado, foi vetada pelo então Governador Magalhães Pinto a emancipação do município de João Monlevade, assim como a dos atuais municípios de Ipatinga, Timóteo e Bela Vista de Minas.

A Comissão Emancipadora dobrou seu trabalho diante do veto, trazendo ao distrito o vice-governador Clóvis Salgado e organizando várias Caravanas ao Palácio do Governador, até que em 29 de abril de 1964, o veto foi derrubado e João Monlevade tornou-se município.

A partir daí acelera-se o (re)ordenamento espacial da cidade, em consequência ao intenso desenvolvimento experimentado pelos setores comerciais e industriais. A Belgo Mineira que até então mantinha com a comunidade local uma relação “paternalista”, custeando todas as despesas do trabalhador, além de prover a infra-estrutura pública; passa a responsabilidade da gestão pública para a nova Prefeitura do Município. Inicia-se o processo de terceirização do comércio e serviços até então fornecidos pela Siderúrgica, que decide ainda vender as casas das Vilas para os trabalhadores, a preços simbólicos, parcelados em várias vezes.

A partir daí a contribuição da Empresa na construção de novos bairros e organização espacial do novo município se dá de maneira mais indireta, por meio de financiamentos e incorporadoras. Além disso, a participação da C.S.B.M. no novo eixo de crescimento em direção a Carneirinhos é quase ausente, destacando-se nesse cenário os comerciantes como novos agentes transformadores do espaço.

## **CAPÍTULO II DE VILA OPERÁRIA A CIDADE MONOINDUSTRIAL: TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E EVOLUÇÃO DA PAISAGEM DE JOÃO MONLEVADE.**

Considerando o espaço como o conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre esses objetos, ou seja, a composição de fixos e fluxos (SANTOS, 1994), no espaço urbano de João Monlevade a Siderúrgica local destaca-se como o grande fixo da cidade, que gera fluxos em torno do seu processo produtivo, além de atrair outros fixos e dinamizar ainda mais o espaço geográfico do município. Dessa forma, para a geografia, a Usina representa não só um objeto técnico, dotado de capacidade de trabalho e produção, mas também objeto social, a medida que gera fluxos que movimentam a cidade.

A Siderúrgica se destaca ainda mais como principal fixo do município ao efetivar mudanças espaciais com o objetivo de facilitar seus fluxos. São exemplos disso as constantes transformações espaciais próximas a sede da Usina, como a abertura e fechamento de vias de transporte para facilitar o trânsito intenso, gerado tanto por seus veículos pesados, quanto pela sua massa trabalhadora.

As ações da Arcelor Mittal<sup>3</sup> no espaço, inovando formas e técnicas para melhor viabilizar a reprodução do seu capital, demonstram que o planejamento de gestão territorial para facilitar suas necessidades operacionais, tão evidente nos 30 primeiros anos da atuação da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, não se extinguiu, apesar de ter tomado outra forma. Se inicialmente a empresa atuou onipresente na gestão do espaço ao seu redor, atualmente ela ainda exerce grande influência sobre o poder político local, e continua atuando como principal ator social chave na produção e gestão do espaço.

As alterações produtivas e tecnológicas tão aceleradas na modernidade estabelecem um movimento permanente de rápidas transformações espaciais, interagindo o antigo e o novo. Nesse sentido, o espaço torna-se tanto o veículo condutor dessas modernizações, quanto a testemunha de todo o processo, a medida que os procedimentos modificadores são nele impressos.

A leitura do espaço urbano de João Monlevade explana claramente o processo de desenvolvimento produtivo da indústria e o próprio desenvolvimento do município. São exemplos disso a reordenação do espaço, com a transferência do centro comercial, antes nos arredores da Usina, para Carneirinhos; e a desvalorização – física e social – das formas, ou

---

<sup>3</sup> Na década de 90, época de intensificação da globalização, a Belgo Mineira passa a ser chamada no mercado internacional de Belgo. Ainda nos anos 90, a empresa originada de capital belga da ARBED, se funde a francesa USINOR e a espanhola ACERALIA dando origem a Arcelor, que na década seguinte é vendida a empresa Mittal e torna-se Arcelor Mittal. A Arcelor Mittal se destaca como a maior Empresa Siderúrgica da América Latina.

estruturas da antiga Vila Operária. Como exemplo vale ressaltar o prédio do Hotel Monlevade, importante signo da antiga Vila, que hoje se encontra em estado de decadência, pelo desgaste material.



Figura 16 Hotel Monlevade, década de 50.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 17 Hotel Monlevade, atualmente.

Fonte: Thaysa Sonale/set 2010.

Observa-se que a Siderúrgica desenvolve a sua estrutura de produção transformando o seu entorno, expandindo sua estrutura e agregando espaços, que outrora integravam a área de residências ou vias públicas.

Na antiga Vila Operária, o Morro do Geo e a Cidade Alta abrigavam além de residências operárias, a Praça do Mercado e a Praça Ayres Quaresma, também conhecida como Praça do Cinema, onde estavam situados o prédio do Cinema e o Colégio, entre outros. Tais pontos de importante função social da época foram aos poucos sendo anexados a estrutura produtiva da Usina, com o processo de expansão e modernização da Siderúrgica. Dessa forma, além de uma mudança estrutural do espaço, dada pela substituição de formas; houve ainda uma mutação social, à medida que as relações que se davam sobre os objetos espaciais tomaram outro sentido.

Da Praça Ayres Quaresma que se constituía como o *locus* das relações sociais locais da época, restou apenas o prédio do Colégio e da Assistência Médica que hoje compõe a infra-estrutura operacional da Arcelor Mittal. Apesar de preservados alguns prédios da antiga praça, a função social exercida pelas suas formas àquela época só existem na memória dos antigos moradores da Vila, pois hoje atendem à reprodução do capital da Siderúrgica.



Figura 18 Praça Ayres Quaresma, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 19 Praça Ayres Quaresma, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 20 Pátio do Antigo Colégio, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 21 Cine Monlevade, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

A Cidade Alta construída pioneiramente e com o intuito de abrigar a massa trabalhadora da Siderúrgica, foi demolida na década de 80 para dar lugar a expansão da Usina. Os moradores foram realocados em outras residências; localizadas principalmente nos novos bairros que se formavam no município.

As antigas ruas de nomes indígenas e a famosa Praça do Cinema que outrora serviam funcionalmente a sociedade, com o ir e vir das pessoas, as residências e as relações sociais, hoje inexistem; e o espaço outrora ocupado por elas, são hoje parte da Usina. As antigas formas dotadas de valores sociais deram lugar a maquinários, que compõe a estrutura de produção da Siderúrgica. O espaço em torno da Siderúrgica, constitui-se num espaço dotado de valor produtivo e funcionalmente atende a reprodução do capital.

*"Esta fotografia feita pelo Mestre Diló, provavelmente na década de 50, retrata toda a Monlevade antiga, com seus prédios em estilo neo-clássico. Em primeiro plano, a praça do mercado, onde a população fazia suas compras. Pode-se observar um burro com sua carroça e um velho Ford. Na entrada da praça e de frente para o morro, a Padaria e o Armazém do Geo, que daí originou o nome daquela rua tão íngreme. Mais abaixo a linha férrea e o Lactário. De frente, bem ao centro, o estiloso prédio onde funcionou por décadas o Ginásio Monlevade e ainda o prédio onde funcionava o Ideal Clube e o União Operário. Mais à frente, as escadarias sobre o viaduto que ligava a praça à rua Tamoios e algumas casas das ruas Tabajaras e Aymorés, bem no alto. E, fechando a fotografia, as quatro cúpulas e as chaminés da Usina da Belgo-Mineira."*

Jornalista Marcelo Melo



Figura 22 Vista da Praça do Mercado, Usina e Parte da Cidade Alta.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 23 Vista Parcial da Cidade Alta, década de 40/50.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 24 Vista Parcial da Usina e Cidade Alta, década de 40 e 50.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 25 Vista Parcial da Usina Siderúrgica da Arcelor Mittal e Bairro Centro Industrial, 2010.

Foto: Thaysa Sonale/set 2010.

A fotografia elucidada ao fundo, a área da antiga cidade, atualmente parte da Usina Siderúrgica.



Figura 26 Subida do Morro do Geo, década de 60.  
Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 27 Subida do Morro do Geo, atualmente.  
Foto: Thaysa Sonale/set 2010.

A Praça do Mercado, localizada na subida para a Cidade Alta, era onde se concentravam os pontos comerciais que abasteciam a Vila. À medida que a Siderúrgica aumentava sua produção e modernizava sua estrutura, a Cidade Operária também crescia e se desenvolvia, modificando seu espaço. Nesse processo de substituição de formas, a Praça do Mercado deu lugar a novas construções que visavam, sobretudo, a melhoria da malha urbana e a expansão da Usina, viabilizando a produção.

A subida para a Cidade Alta era o famoso Morro do Geo, nome atribuído a um mercado que ali se localizava na época, que apresentava o nome “Geo”. O morro ligava a parte baixa da Vila Operária a Praça do Mercado e a parte alta, dando acesso inclusive a Usina.

O Cassino de Monlevade, hotel que abrigava ilustres visitantes da Usina, geralmente estrangeiros que realizavam visitas técnicas, empresários e personalidades da política brasileira, também fazia parte do conjunto arquitetônico do Morro do Geo. Hoje o morro ainda viabiliza o acesso entre a parte baixa e alta da antiga Vila Operária, sendo cortado por um viaduto onde o trem da Vale, passa diariamente, transportando pessoas e escoando mercadorias, produzidas inclusive na Usina local. O prédio do Cassino, hoje Centro de Cultura e Memória da Arcelor Mittal Monlevade, ainda é mantido em bom estado de conservação.



Figura 28 Mercado do Geo, década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo

Famoso Mercado de propriedade do Sr. Leleo, que deu nome ao Morro do Geo



Figura 29 Prédio do Cassino, década de 50.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.



Figura 30 Prédio do Cassino, atualmente.

Foto: Thaysa Sonale/set 2010.



Figura 31 Antiga Praça do Mercado, década de 60/70

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 32 Antiga Praça do Mercado, década de 40/50.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 33 Antiga Praça do Mercado, década de 40/50.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

Os principais prédios da antiga Vila Operária ainda existentes são atualmente (re)utilizados pela Empresa Siderúrgica que os agrega a sua infra-estrutura física. A modernização e expansão da Usina demandam a incorporação de novas áreas para viabilizar as relações produtivas. Sendo assim, os objetos geográficos têm sua utilidade funcional alterada à medida que a empresa impõe seus arranjos organizacionais para a execução de suas atividades econômicas. Os objetos geográficos<sup>4</sup> herdados da antiga Vila, ao serem reutilizados passam a exercer um papel funcional dentro da lógica da empresa, deixando de ser apenas simbólico.

Nesse sentido cabe ainda citar o prédio do antigo Hotel Siderúrgica, que atualmente abriga sedes de empresas prestadoras de serviço a Arcelor Mittal Monlevade; e o prédio do antigo Hotel Monlevade (figuras 16 e 17) que funciona hoje como uma espécie de alojamento para trabalhadores de firmas contratadas a prestar serviços temporários na Usina; além dos já mencionados antigos prédios do Colégio e Assistência Médica, hoje áreas privativas da Usina, onde funcionam o Centro de Treinamento e GRHQ Segurança da Arcelor Mittal Monlevade.

---

<sup>4</sup> Os objetos geográficos constituem para os geógrafos em tudo o que existe na superfície da Terra, toda a herança histórica e todo o resultado da ação humana. O enfoque geográfico supõe ainda a existência de objetos como sistemas onde sua utilidade atual, passada ou futura, origina-se do uso combinado dos grupos humanos que o criaram ou herdaram. (SANTOS, 2008).



Figura 34 Prédio do Hotel Siderúrgica, década de 50.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo



Figura 35 Prédio do Hotel Siderúrgica, atualmente.

Foto: Thaysa Sonale/set2010.

O Solar Monlevade, construído por volta de 1825 pelo pioneiro Jean Monlevade, foi a sede da fazenda; que mais tarde veio abrigar a Forja Catalã, embrião da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Tido hoje como relíquia histórica e principal símbolo da herança metalúrgica do município, o Solar vem sendo cuidadosamente preservado pela Arcelor Monlevade.

A construção majestosa que dominou a paisagem do Médio Piracicaba e representava o poder político e econômico da região, hoje representa ainda um retrato do passado, e se mostra como símbolo cultural afetivo para a população local. O Solar mantém características arquitetônicas originais, é tombado pelo patrimônio do município e motivo de grande orgulho dos moradores da cidade, tornando-se objeto de referência da identidade territorial. Na antiga sede da fazenda estão guardadas várias peças da antiga forjaria, destacando-se o Museu Monlevade do Ferro e do Aço e o Monumento aos Pioneiros, sendo seu conjunto arquitetônico muito importante para se contar a história da indústria metalúrgica do país e da cidade de João Monlevade que nasceu em volta da antiga Forja Catalã.

Localizado na Avenida Getúlio Vargas, de frente a Arcelor Mittal, no Bairro centro Industrial, a sede da antiga fazenda, também faz parte da infra-estrutura funcional da empresa atualmente, abrigando dentre outras coisas, o Centro de Comunicação Social da Empresa.

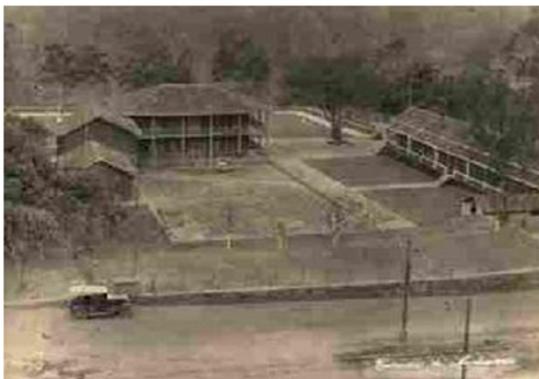


Figura 36 Solar Monlevade 1.

Fonte: [www.belgo.com.br](http://www.belgo.com.br)



Figura 37 Solar Monlevade 2.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 38 Solar Monlevade 3.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.



Figura 39 Solar Monlevade 4<sup>5</sup>.

Foto: Lutécia Mafra.



Figura 40 Monumento aos operários.

Fonte: [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com).



Figura 41 Museu do Ferro e do Aço.

Fonte: [www.jaomonlevade.blogspot.com](http://www.jaomonlevade.blogspot.com).

Podemos considerar o espaço em torno da usina e principalmente as rugosidades<sup>6</sup>, como o Solar Monlevade, testemunhas de toda a dinâmica econômica e social ocorrida em

<sup>5</sup> As figuras 36, 37, 38 e 39 estão posicionadas em ordem cronológica determinada pela observação da paisagem retratada, sem no entanto confirmação da data específica.

torno da siderúrgica já que “a paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homens e natureza.” ( SANTOS, 1999, p.103)

Considerando ainda que a paisagem é transtemporal e que a sociedade somada as formas que compõe a paisagem formam o espaço, que por sua vez ao ser apropriado pela sociedade se torna território, pode-se dizer que o território monlevadense representa claramente a dinâmica histórica, econômica e social da cidade, e que o espaço é a testemunha de toda essa dinâmica tendo sido adaptado às necessidades vigentes através do decorrer do tempo.

À medida que novos processos produtivos surgem, novas técnicas são implementadas ao espaço e as antigas formas são substituídas, mudando a configuração territorial. Assim a paisagem se forma, como uma superposição de diferentes tempos históricos, de formas heterogêneas que representam as diversas maneiras de produzir e construir o espaço pela sociedade no decorrer dos tempos.

Dessa forma, no espaço urbano de João Monlevade, o entorno da Usina se configura como representativo da relação do velho e do novo, do antigo e do moderno, e de todo o processo de organização espacial do município, surgido ali, como núcleo urbano provedor de mão de obra para a antiga Belgo Mineira.



Figura 42 Vista da Rua Siderúrgica e Usina, década de 50. Figura 43 Vista da Rua Siderúrgica e Usina atualmente.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

As fotografias representam a Rua Siderúrgica vista sob o mesmo ângulo, em dois tempos: na década de 50 e atualmente. As imagens evidenciam a ponte em armação de ferro, substituída em 1968 pela ponte em concreto

---

<sup>6</sup> Rugosidades são formas impressas no espaço, herdadas do passado.

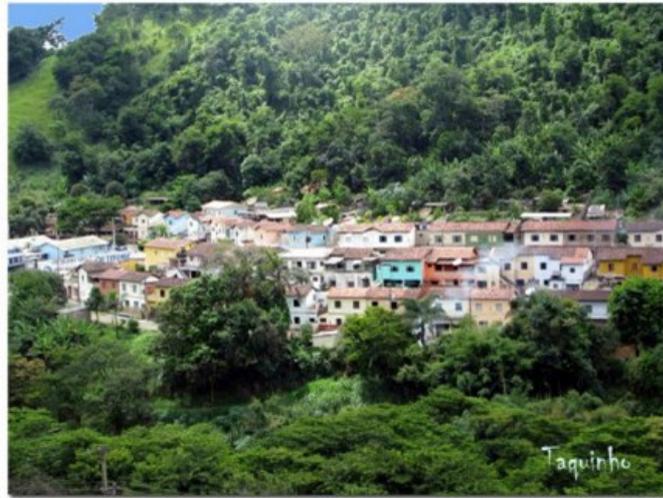


Figura 44 Residências no Bairro Centro Industrial - Arquitetura Neoclássica, construções da década de 40.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo

O símbolo representativo da cidade, eleito no ano de 1999 por votação popular, a Igreja São José do Operário, foi construída pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, fundada em 1948 e doada a comunidade. O Santo que deu nome à igreja representa os operários da Usina e o formato arquitetônico em “V”, indicam Vereda, Verdade e Vida; fazendo ainda alusão a “Vitória”, pelo fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

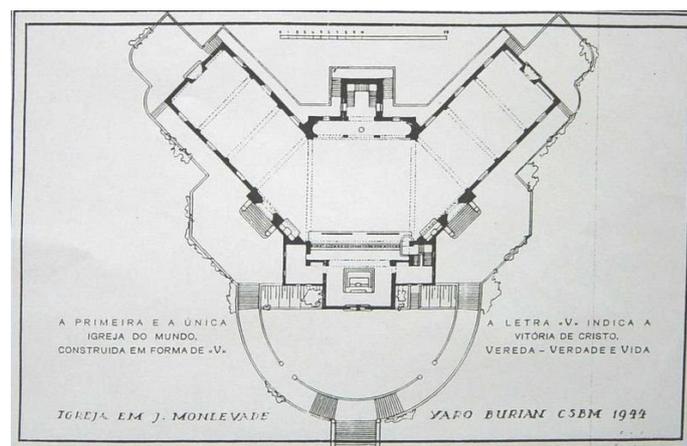


Figura 45 Planta da Igreja São José Operário.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

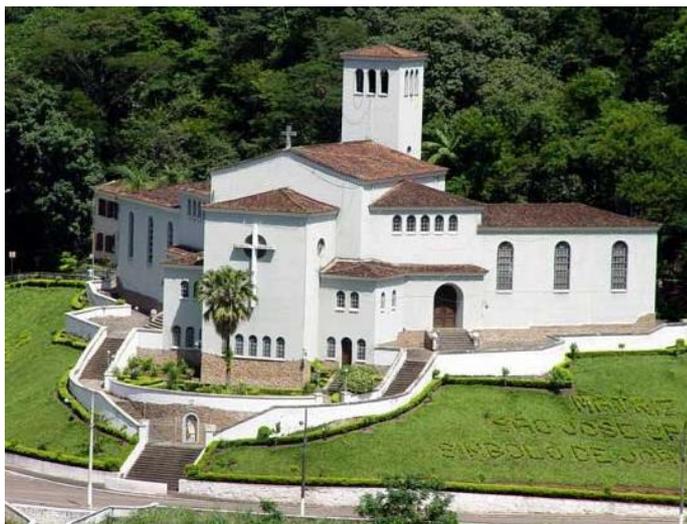


Figura 46 Igreja São José Operário.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

A paisagem local é marcada profundamente pela siderurgia, sendo formada pelo mosaico das formas, funções e relações produtivas e sociais oriundas da Belgo-Arcelor, desde o momento de sua implantação até os dias atuais.

“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abraça. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, odores, sons etc”. ( SANTOS, 1994, p. 61)

Organizada inicialmente em torno das exigências de produção da Belgo Mineira, a paisagem de João Monlevade foi se transformando a medida que novas relações foram sendo estabelecidas sobre o espaço. Os instrumentos de trabalho da Siderúrgica foram aos poucos sendo gravados na paisagem local, considerando que o próprio núcleo urbano surgiu atendendo a uma necessidade produtiva, a de mão-de-obra.

As inovações técnicas, sociais e econômicas foram alterando o espaço, trazendo mutações tanto estruturais como funcionais que passaram a extrapolar os limites traçados para a antiga Vila, inclusive no âmbito político, à medida que novas forças passaram a influenciar de maneira significativa, porém não dominante, no espaço e nas relações locais.

A partir da década de 50, o então Distrito de João Monlevade<sup>7</sup> experimenta um intenso crescimento demográfico, e como consequência o setor terciário também se desenvolve significativamente, enfocando principalmente a região de Carneirinhos.

Nessa época inicia-se o parcelamento e ocupação da região de Carneirinhos, onde se instalaram pequenos comércios, em virtude do adensamento dos bairros situados no entorno

<sup>7</sup> Em 27 de dezembro de 1948, com a promulgação da Lei Estadual nº 336, criou-se o Distrito de João Monlevade.

da Usina. A região do Cruzeiro Celeste também tem a partir daí o início do seu processo de loteamento e ocupação. Esboça-se assim no espaço urbano do município as três grandes áreas urbanas que se destacam internamente.

Nesse sentido é importante ressaltar a construção do conjunto habitacional “Juscelino Kubitschek”, iniciada em 1961 pela “Fundação Casa Popular” sediada no Rio de Janeiro, que em muito contribuiu para a fixação da população e crescimento do bairro. As residências localizavam-se onde se concentra o centro de Carneirinhos, na área compreendida entre a Praça Sete de Setembro a atual sede da Prefeitura Municipal.

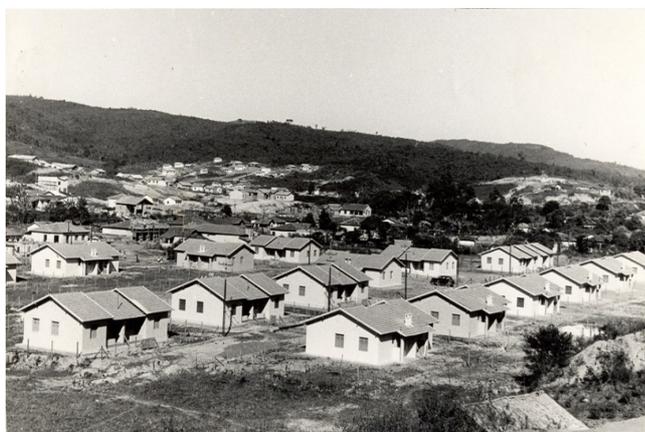


Figura 47 Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, década de 60/70.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 48 Córrego Carneirinhos, década de 50/60, atualmente no local passa a Avenida Wilson Alvarenga.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

As duas fotos representam o mesmo local, atualmente a Avenida Getúlio Vargas, localizada no centro da cidade, uma das mais importantes vias do município; destacando-se ainda pela concentração de estabelecimentos comerciais. Na primeira foto, destaca-se a inexistência da Avenida, construída mais tarde, depois de canalizado o Ribeirão Carneirinhos.



Figura 49 Avenida Wilson Alvarenga, atualmente.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo

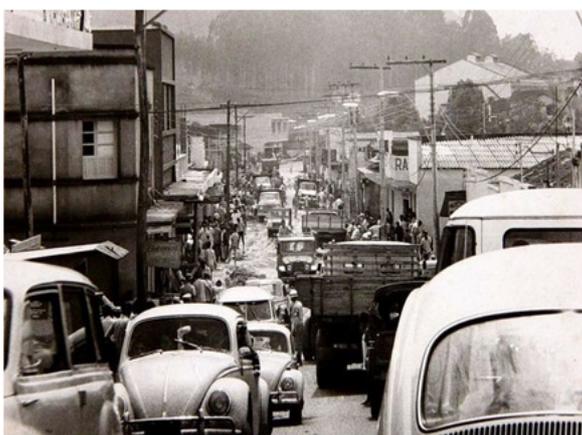


Figura 50 Avenida Getúlio Vargas, década de 70.      Figura 51 Avenida Getúlio Vargas, atualmente.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo.

A Avenida Getúlio Vargas também se destaca com uma das principais vias do município. Além disso, é a mais antiga da área central, ligando a Usina ao centro de Carneirinhos, onde se concentra majoritariamente o comércio da cidade.

A partir de 1964, ano da emancipação do Município, a cidade que surgiu fundamentada pela Siderúrgica cresce em direção ao antigo povoado de Carneirinhos principalmente, tendo seu centro deslocado dos arredores da Usina para o local onde antigamente era o povoado e que hoje dá nome ao bairro. Os antigos bairros operários que antes pertenciam a Siderúrgica foram refuncionalizados com as vendas das casas aos empregados e passando a responsabilidade de sua administração ao poder público local. Segundo Piquet (1998) a cidade cresceu estendendo-se para fora da área projetada, e em 1991 a vila original construída pela usina abrigava apenas 4,2% da população.

Reconhece-se ainda a reordenação do espaço urbano do município a partir de sua emancipação, com a transferência do centro comercial e administrativo dos bairros nos arredores da Usina para Carneirinhos, além da intensificação do processo de urbanização no antigo povoado, que passa a ter elevada taxa de ocupação.



Figura 52 Carneirinhos, década de 60/70.

Fonte: Arquivo Jornal Morro do Geo.



Figura 53 Carneirinhos, atualmente.

Fonte: Arquivo Jornal Morro do Geo.

A década de 80 representa uma época de intensas modificações na estrutura espacial do município, afetando ainda de maneira muito significativa a esfera social, política e econômica da cidade. A Belgo Mineira, após superar uma grave crise financeira, passa por uma nova fase de expansão de sua planta industrial, agregando parte da antiga Vila Operária, denominada Cidade Alta, aniquilando ainda a Praça Ayres Quaresma, que abrigava, como já citado, prédios importantes da vida social e cultural na antiga Vila Monlevade. As novas unidades implantadas passam a ocupar então a área do antigo centro urbano, tornando o entorno da Usina exclusivo da produção e a reafirmando a importante posição de Carneirinhos como *locus* do setor terciário do município.

Em João Monlevade é possível confrontar muitas vezes a racionalidade planejada dos antigos bairros operários com a configuração do espaço na “cidade livre”, ou seja, dos bairros que cresceram e se desenvolveram sem o planejamento direto da Belgo Mineira.

Enquanto a lógica organizacional da cidade planejada pela Belgo Mineira refletia claramente a hierarquia funcional dos operários da Usina no espaço e na paisagem, a “cidade livre” segue a tendência das cidades capitalistas modernas, organizadas a partir da segmentação espacial das diferentes classes. De maneira geral, no entanto, João Monlevade continua a se constituir numa cidade tipicamente mono-industrial.

Atualmente percebe-se uma desvalorização imobiliária do bairro Centro Industrial, cerne da antiga Vila Operária, ao passo que os bairros centrais, localizados em Carneirinhos acompanham um crescente adensamento populacional. Atualmente as possibilidades de abertura de novos loteamentos estão praticamente esgotadas, induzindo ao crescimento vertical do município, além de estimular o processo de ocupação na porção sul do município, nas adjacências do bairro Cruzeiro Celeste, onde ainda há lotes devolutos.

O crescimento a duas velocidades, característicos da sociedade da informação e do conhecimento, é responsável pela valorização de umas áreas à custa da desvalorização de outras. Abandono de bairros históricos e/ou centros tradicionais de comércio ocorrem ao paralelo com a construção volumosa de novos bairros residenciais e novas centralidades de serviços, comércio e lazer. Mais uma vez desvalorização e a revalorização são faces do mesmo processo, alimentam-se uma da outra e dão corpo ao sucesso do setor imobiliário. (SALGUEIRO, 2003, p.101)

Acompanhando a lógica das cidades capitalistas modernas, João Monlevade cresceu e se desenvolveu, alterando suas formas e funções de modo a prover os elementos indispensáveis a reprodução das atividades industriais. Além disso, a sociedade local se organizou – e ainda se organiza – projetando no espaço as relações de poder e os conflitos sociais, tão comuns a nossa época.

A cidade é um mosaico de espacialidades, frutos da produção social. É construída a partir das atividades humanas no ambiente e dos conflitos dos diferentes grupos que a habitam e pretendem impor a ela seus interesses, refletindo no processo de apropriação do espaço a desigualdade da sociedade que o reproduz. Sendo assim, à medida que novas exigências são feitas no âmbito das relações do homem com o meio, o espaço se (re)organiza, pois “o espaço é concebido como lócus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade.” (CORRÊA, 1996, p. 26).

A desigualdade social, refletida anteriormente no espaço da Vila Operária que se organizava a partir da hierarquia funcional dos operários dentro da Usina, hoje se dá a partir do processo de apropriação dos diferentes grupos sociais que habitam a cidade, mas sem a pré-determinação, antes imposta pela Usina, construtora e gestora da antiga Vila. Atualmente reflete um processo inerente à sociedade capitalista, onde “a diferenciação do espaço se deve, antes de mais nada, à divisão territorial do trabalho e ao processo de acumulação capitalista que produz e distingue espacialmente possuidores e despossuídos.” (GOMES, 1996, p. 65).

A Avenida do Aeroporto, no bairro Vila Tanque, é o local onde residiam as famílias dos empregados mais qualificados da Usina. Lá é notória a influência dos padrões residenciais norte-americanos: não há muros entre as casas, sendo estas recuadas das calçadas com gramados fronteiros, como afirma Piquet (1998). Hoje as casas da Avenida do Aeroporto já

não têm ligação direta com a Usina, mas continua tendo um grande “status” econômico-social na cidade.



Figura 54 Avenida do Aeroporto.

Foto: Taysa Sonale out/2010

Avenida do Aeroporto: Residências apenas para os engenheiros na época da Vila Operária. Recebeu esse nome por conduzir ao Campo de Aviação.



Figura 55 Fotografia Aérea da Avenida do Aeroporto e Vila Tanque.

Fonte: googlemaps

Na região de Carneirinhos, destaca-se nesse sentido o Bairro Aclimação, criado em 1978 pela classe média emergente de Carneirinha na época. Constitui-se em um bairro estritamente residencial, inicialmente criado com a intenção de um condomínio fechado, idéia que foi abolida mais tarde. É vetado no bairro, porém a criação de estabelecimentos comerciais e edificações acima de três pavimentos.

A segregação social refletida no espaço, ou segregação urbana, característica peculiar das cidades capitalistas, sempre esteve presente no espaço de João Monlevade. Como já citado, inicialmente era imposta pela Siderúrgica que especializava a organização do trabalho na antiga Vila; atualmente acompanha o crescimento e desenvolvimento da cidade, delimitando diferentes áreas do município pela tendência a uniformidade socioeconômica interna e em contrapartida, por fortes diferenças entre elas.

“A segregação é um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole.” (VILAÇA, 2001, p.142)

O bairro de Carneirinhos, considerado pela população o centro da cidade, apresenta atualmente alto preço de solo urbano, seguindo a tendência natural das cidades capitalistas. A demanda por lotes para construção de estabelecimento comerciais e residências não é muito superior a oferta de áreas devolutas, intensificando o processo de verticalização, que teve seus primeiros sinais refletidos na construção do Hotel Siderúrgica e no Cassino.



Figura 56 Prédio na Avenida Gentil Bicalho.

Fonte: Thaysa Sonale out/2010.

Prédios em construção no bairro de Carneirinhos, em rua circunvizinha a Avenida Gentil Bicalho.

De tal maneira, as práticas espaciais locais impactam diretamente o espaço urbano de João Monlevade, alterando-o ou preservando-o de acordo com as necessidades de se viabilizar a reprodução do capital, pelos agentes econômicos locais, e da própria sociedade.

### CAPÍTULO III ESTRUTURA URBANA E SÓCIOECONÔMICA DA JOÃO MONLEVADA CONTEMPORÂNEA.

Desde a implantação da Siderúrgica no ano de 1935, passando pela emancipação política em 1964, João Monlevade cresceu e se desenvolveu, destacando-se econômica e socialmente dentre os municípios do Estado de Minas Gerais. Além disso, o município exerce grande influência regional, pela atual infra-estrutura de serviços e comércio local. Esse capítulo objetiva, de maneira geral, apontar aspectos atuais socioeconômicos e de organização espacial do município.

#### 3.1 A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO MUNICÍPIO.

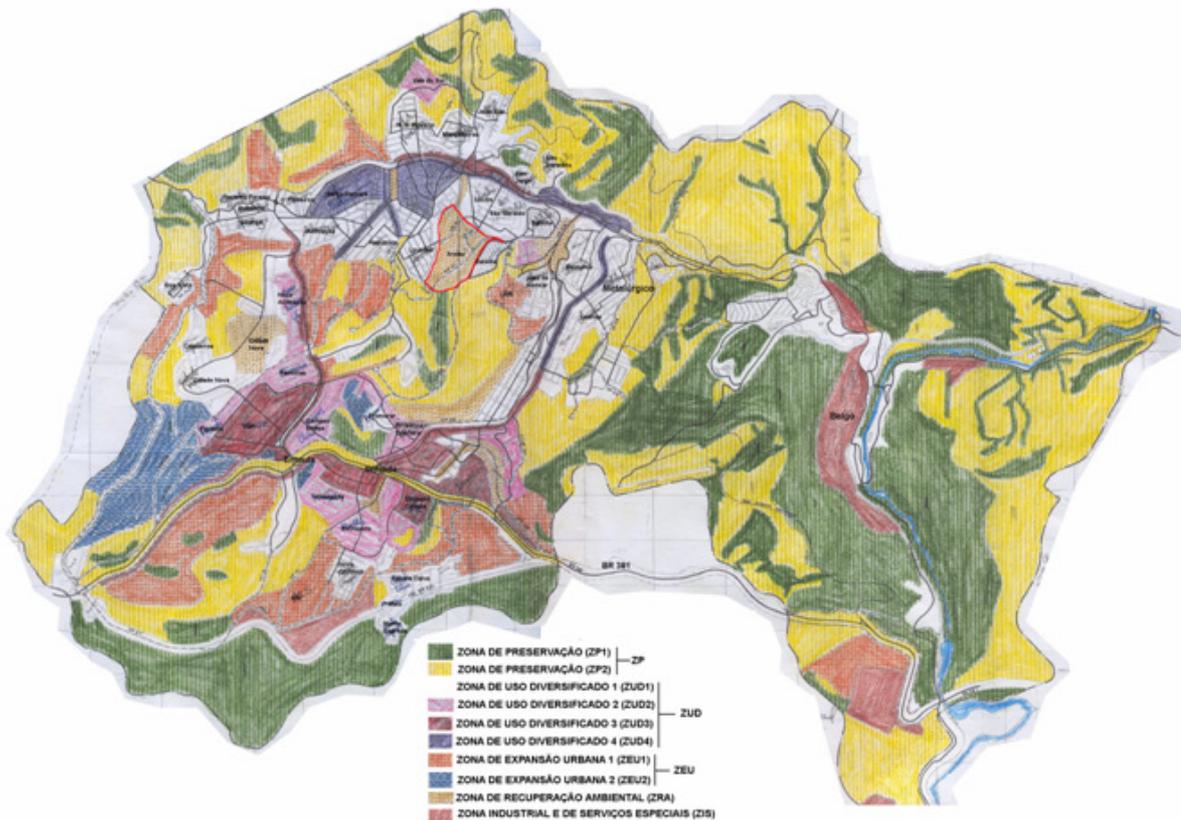


Figura 57 Mapa de Zoneamento Urbano de João Monlevade.

Fonte: Plano Diretor de João Monlevade.

Com uma área de 99 Km<sup>2</sup>, a cidade abriga uma população de 75320 habitantes (IBGE, 2009). Quando comparamos tais valores aos das cidades limítrofes, percebemos que

João Monlevade, apesar de acolher uma das maiores populações, possui uma área territorial menor que as demais.

TABELA 1

Municípios Limítrofes:

<b>Município</b>	<b>Área ( km<sup>2</sup>)</b>	<b>População ( Estimativa para 2009)</b>
São Gonçalo do Rio Abaixo	365	9738
Bela Vista de Minas	109	10333
Rio Piracicaba	370	14846
João Monlevade	99	75320
Itabira	1257	110419

Fonte: IBGE

João Monlevade é um município essencialmente urbano. No ano de 2000 apresentava um grau de urbanização de 96,52%, segundo a Fundação João Pinheiro.

Atualmente o município apresenta, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, uma densidade demográfica de 760,8 hab/Km<sup>2</sup>.

Quando comparamos as áreas e populações dos municípios representados na tabela acima, observa-se que João Monlevade, apesar de apresentar a segunda maior população dentre os cinco, é o município com menor extensão de área, o que pode vir a servir de entrave diante do desenvolvimento econômico do município que não possui lotes devolutos.

Ao todo a cidade possui 72 bairros divididos em 5 zonas de planejamento, propostas pela Secretaria de Planejamento Urbano Municipal. São eles:

QUADRO 1

Zonas de Planejamento e Bairros do Município.

Região Monlevade - Centro	Baú, Areia Preta, Vila Tanque, Pedreira/Forninho, Jacuí, Tieté, Santa Cruz, Amazonas, Usina/Beira Rio e Egito.
Região Loanda	Metalúrgico, Laranjeiras, Belmonte, Loanda e José de Alencar.
Região Santa Bárbara	Santa Bárbara, Ipiranga, Industrial, Recanto Paraíso, Pinheiro, Cidade Nova, Boa Vista, Chácara Coqueiros, Ponte Funda, Nova Cachoeirinha, Nova Aclimação, Paineiras e Vale da Serra.
Região Carneirinhos	Satélite, Lucília, São Geraldo, São

<p>Região Cruzeiro Celeste</p>	<p>Benedito, São João, José Elói, Mangabeiras, Rosário, Vale do Sol, Carneirinhos, Lourdes, Alvorada, Novo Horizonte, República, Aclimação, Nova Esperança, JK, São Jorge, Castelo, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida.</p> <p>Cruzeiro Celeste, Vera Cruz, ABM, Palmares, Promorar, Ernestina Graciana, São José, Sion, Campos Elísios, Chácara Vale Verde, Tanquinho I, Tanquinho II, Petrópolis, Teresópolis, Santo Hipólito, Novo Cruzeiro, Santa Cecília, Monte Sagrado, 1º de Maio, Nova Monlevade, Corumbiara de Vanessa e Estrela Dalva.</p>
--------------------------------	--

Fonte: Secretaria Municipal de Obras/PMJM – 2007

### 3.2 CIRCULAÇÃO E TRANSPORTE.

João Monlevade estruturou-se junto com uma boa rede de transporte, o que a torna atualmente uma cidade muito bem localizada em termos de vias de circulação inter-urbana. Beneficia-se por ser cortada pelas importantes rodovias federais, a BR 381 e a BR 262, que se configuram como relevantes vias de pessoas e mercadorias, e por consequência, de capital.



Figura 58 Mapa de Acesso Viário.

Fonte: DER/MG.

Além disso, a cidade é cortada pela Estrada de ferro Vitória-Minas, que liga as capitais de Minas Gerais e Espírito Santo, por onde é realizado o transporte de mais de 135 toneladas de cargas por ano, além do trem de passageiros, único no Brasil a realizar viagens diárias de

longa distância, segundo a empresa VALE, responsável pela ferrovia. A viagem que dura cerca de 13 horas, totaliza 664 Km de Belo Horizonte a Vitória.

Dentre as principais avenidas municipais destacam-se as Avenidas Getúlio Vargas e Wilson Alvarenga, que cortam a área central da cidade e concentram o maior fluxo de veículos e pedestres. Vale ressaltar ainda as avenidas Armando Farjado, Castelo Branco e Gentil Bicalho, como importantes vias intra-urbanas do município.

A avenida Gentil Bicalho localiza-se na área central da cidade, e os terrenos que a margeiam constituem hoje alvos de valorização imobiliária. A avenida que se localiza ao final da Wilson Alvarenga, liga o centro ao bairro de classe média Santa Bárbara, entre outros, sendo ainda elo para adjacências que compõe a área de expansão da cidade.

Como a maioria das cidades brasileiras, João Monlevade também apresenta alguns problemas urbanos como as crises de mobilidade urbana, pois em horários de pico, a sensação que se tem no centro da cidade, é a de que são muitos carros para pouco espaço. As principais avenidas da cidade, a Avenida Getúlio Vargas e a Wilson Alvarenga, cortam grande parte da extensão do município e recebem o maior fluxo de veículos e pedestres. O problema do tráfego na cidade é consequência do crescimento desordenado e principalmente da grande centralização do comércio, sendo necessário a construção e ampliação de vias e o desmembramento do comércio para desafogar o trânsito nas duas principais avenidas do município..

O Plano Diretor Municipal contempla questões relacionadas ao trânsito da cidade, tendo como um dos objetivos básicos buscar solucionar os problemas de interligação viária no município. Além disso, determina como uma de suas diretrizes básicas setoriais as intervenções urbanísticas voltadas à melhoria da infra-estrutura viária que possa melhorar a fluidez e segurança do trânsito.

O artigo 15, inciso III, determina a restrição de circulação e estacionamento para veículos em determinados locais e horários, o que tem sido aplicado na Avenida Wilson Alvarenga; onde o estacionamento de veículos é proibido nos horários de 11 horas às 13 horas e das 16 horas às 19 horas, na pista sentido Usina- Centro, com o intuito de garantir a fluidez do trânsito, diante do intenso tráfego de veículos.

Além disso, destaca-se o “Projeto Linha Azul”, que estabeleceu um novo traçado ao trânsito, permitindo fácil acesso aos bairros centrais e a BR-381 a partir das vias locais, visando ainda desafogar o trânsito na rede viária estruturadora do município.

Ainda nesse âmbito é válido ressaltar a recente obra realizada pela Arcelor Mittal que liga as adjacências da Usina a área de depósito de rejeitos, por uma estrada particular,

desviando assim a circulação diária de veículos pesados com esse destino da avenida Getúlio Vargas.

### 3.3 EDUCAÇÃO E SAÚDE.

#### 3.3.1 Educação.

João Monlevade tem se constituído nos últimos anos em um pólo educacional, com a crescente instalação de instituições de ensino superior e técnico no município.

Numa escala regional a cidade sempre ocupou uma posição de destaque na educação, por atrair alunos para suas escolas privadas de ensino médio e profissionalizantes, principalmente. Nesse contexto, vale ressaltar ainda a participação da Funcec – Fundação Comunitária, Educacional e Cultural de João Monlevade, que se destaca pela vanguarda do Ensino Superior do município, oferecendo atualmente nove cursos superiores.

Hoje a cidade conta ainda com mais duas instituições públicas de Ensino, sendo elas: A Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, que desde 2002 oferece cursos na área de ciências exatas e aplicadas no município; e a Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, presente desde 2005 e que atualmente oferece dois cursos de graduação na unidade local. A UFOP mantém na cidade ainda a Universidade Aberta do Brasil (UAB) que oferece os cursos de Matemática e Pedagogia, além da especialização em Práticas pedagógicas.

A outra instituição de ensino superior que atende a João Monlevade e região é a Faculdade Kennedy, que oferece graduação em Sistemas de Informações, desde 2001, estando ligada ao Colégio de mesmo nome, pioneiro no setor educacional em João Monlevade, que teve sua inauguração em 1964, mesmo ano de emancipação político-administrativa do município.

TABELA 2

Instituições de Ensino Superior:

<b>Instituição</b>	<b>Curso</b>	<b>Alunos</b>
IES/ FUNCEC	Administração	219
	Ciências Contábeis	175
	Direito	249
	Comunicação Social/Jornalismo	19
	Letras	24
	Pedagogia	82

	Recursos Humanos	90
	Redes de Computadores	68
	Planejamento e Gestão Ambiental	101
Faculdade Kennedy	Sistema de Informação	80
UFOP	Engenharia de Produção	230
	Sistema de Informação	154
UEMG	Engenharia Ambiental	160
	Engenharia de Minas	155
TOTAL	14	1.806

Fonte: ADEMON/2009

A cidade conta ainda com nove instituições que oferecem ao todo 31 cursos técnicos profissionalizantes, como descreve a tabela abaixo:

TABELA 3  
Instituições e Cursos Técnicos Profissionalizantes:

<b>Instituição</b>	<b>Curso</b>	<b>Alunos</b>
EMIP	Química	85
CERP – Centro Educacional Roberto Porto	Enfermagem	82
	Mineração	168
	Segurança no Trabalho	282
	Metalurgia	89
	Geologia	24
	Mecânica	162
	Mineração e Geologia	47
	Eletromecânica	26
CENTEC/FUNCEC	Metalurgia	148
	Segurança do Trabalho	81
Colégio Kennedy	Eletrônica	40
	Informática Gerencial	161
SENAI – Centro de Formação	Eletroeletrônica	141

Profissional Nansen Araújo	Mecânica de Manutenção	137
CETMAPT	Meio Ambiente e Saúde Pública	15
	Farmácia	17
CESE – Centro Educacional Santa Edwirges	Enfermagem	80
	Nutrição e Dietética	37
	Mineração	150
	Eletromecânica	120
	Segurança no Trabalho	58
	Téc. Ambiental e Segurança no Trabalho	145
	Técnico em Administração	45
CEBRAC – Centro de Ensino Brasileiro Formação Profissional	Mineração	23
	Segurança no Trabalho	18
	Edificações I e II	45
	Prótese Odontológica	13
	Mecatrônica	25
	Mecânica	17
	Eletroeletrônica	25
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>2.506</b>

Fonte: Ademon/2009

Os dados do Atlas de Desenvolvimento Humano demonstram que a educação no município vem se consolidando, abrangendo a grande maioria da população e se destacando pela taxa de analfabetismo abaixo da média do estado, como elucidada a tabela:

TABELA 4

Taxa de Analfabetismo do Município e do Estado:

<b>Estado/Município:</b>	<b>Taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais - ano 2000:</b>
Minas Gerais	11,47%
João Monlevade	5,95%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano

A influência da siderurgia como principal agente econômico do município também se reflete na educação, pois a empresa funciona como fator de atração para a instalação de institutos de ensino técnico e superior. No caso da UEMG e da UFOP, além da influência indireta como fator atrativo, a empresa auxiliou ainda no processo de instalação das universidades, que formam mão de obra apropriada para o tipo de qualificação exigida pela empresa.

Esse aspecto é característica singular da lógica urbano-industrial, à medida que há necessidade de proximidade entre a produção de conhecimento e formação de mão-de-obra qualificada e sua aplicação.

Quando se analisa o cenário de ensino técnico local, percebe-se a influência direcionadora da Siderurgia em relação à escolha do curso profissionalizante pelos alunos matriculados em escolas técnicas do município. A tabela 4 permite constatar que 84% dos cursos técnicos oferecidos podem ter a mão de obra formada absorvida pela Arcelor Mittal, empresa hegemônica na economia de João Monlevade.

Nesse sentido, é válido ressaltar que, de maneira geral, a economia da região tende a uma especialização nos setores siderúrgicos e extrativistas, e há na escala regional, outras empresas que exercem influência nesse sentido, como a Mineradora Vale e a Gerdau, por exemplo.

Historicamente é importante salientar que a influência da Siderúrgica na educação foi total até a década de 60, quando o ensino era privatizado pelas escolas construídas pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. A partir da emancipação do município, a CSBM diminuiu a sua responsabilidade em diversos setores da vida pública, inclusive do ensino. O município agora “independente” politicamente, passa então a assumir tal responsabilidade. No entanto, apesar da autonomia política conquistada pelo processo emancipatório, toda a esfera social, econômica e mesmo política continuava em caráter circunspecto pelos interesses empresariais local.

Carmo (2008), afirma que atualmente os impactos deixados pela política tecnicista exercida pela antiga Belgo Mineira sobre a educação na época das Vilas Operárias por ela administrada ainda existe no município. Ainda hoje, segundo a autora há uma resistência da comunidade escolar local em aceitar novas metodologias humanistas de ensino, que entram em contradição com o modelo tecnicista tradicionalmente aplicado, e que visa, sobretudo, a inserção do aluno no mercado de trabalho ou aprovação em vestibulares, não priorizando a formação ética e cidadã do estudante.

Vale ressaltar, no entanto, que essa tendência a tecnificação do ensino é uma característica recorrente nas instituições de ensino não só em João Monlevade, mas observada numa escala mundial, com algumas poucas exceções. São frutos do sistema político econômico atual em que vivemos: o capitalismo neoliberal. Dessa forma os currículos escolares são organizados para a aquisição de conhecimentos científicos objetivos, úteis e necessários para a integração do indivíduo ao sistema socioeconômico vigente. Tais características se manifestam no sistema educacional de João Monlevade, o que não causa grande surpresa, seja pela tendência mundial a adoção da metodologia tecnicista de ensino, ou mesmo pela lógica original da cidade: uma cidade-empresa criada para atender as exigências do capital siderúrgico, na década de 30.

### 3.3.2 Saúde.

A infra-estrutura de saúde em João Monlevade é composta basicamente pelo Hospital Margarida, uma Policlínica, um Pronto Atendimento – PA, e doze equipes de Programa de Saúde Familiar – PSF (ADEMON, 2009).

O Pronto Atendimento funciona atualmente no prédio do futuro Centro de Especialidades Médicas, ainda em construção, ocupando o primeiro andar. Futuramente, quando as instalações estiverem concluídas, o prédio abrigará clínicas médicas especializadas, constituindo uma grande policlínica.

O principal ponto de atendimento médico, no entanto, é o Hospital Margarida que atende além do município, as demais cidades da hinterlândia de João Monlevade. Inaugurado em 1952 pelo então presidente da Belgo Mineira Louis Jacques Ensch, o hospital, que homenageia em nome a mãe do engenheiro luxemburguês, tinha como principal objetivo atender aos trabalhadores da Usina e seus dependentes, moradores das Vilas Operárias.



Figura 59 Projeto do Hospital Margarida.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 60 Hospital em construção, década de 50.

Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 61 Fachada do Hospital Margarida atualmente.

Fonte: Dos reis, 2007, p.47

O Hospital atualmente é administrado pelo Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo e atende toda a população local, sendo ainda muito procurado por residentes em cidades vizinhas para atendimentos através do Sistema Único de Saúde e Convênios Particulares.

Dentre os planos privados de saúde no município destaca-se a ABEB, plano particular da Arcelor Mittal que atende cerca de 5440 pessoas, entre empregados da Usina e seus dependentes; a UNIMED e o plano da Vale, que atendem 15400 e 2000 pessoas respectivamente (ADEMON, 2009).

### 3.4 JOÃO MONLEVADE E REGIÃO.

Como já citado, a cidade teve origem no início do século XIX, quando chega ao Brasil o engenheiro francês Jean Antoine Felix Dissendes de Monlevade, instalando ali uma fábrica de ferro que na década de 30 viria a se tornar a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira.

Com a ampliação e modernização da CSBM na década de 50, a siderúrgica passa a ocupar lugar de destaque na produção de aço do país. Devido em grande parte a empresa, atual Arcelor Mittal Monlevade, com o passar do tempo houve uma grande procura por emprego na região e como consequência o comércio se desenvolveu intensamente. Em decorrência disso o distrito também acompanhou um grande desenvolvimento, se emancipando como município em 1964 e tornando-se uma das principais cidades mineiras na atualidade.

A cidade de João Monlevade funcionou e ainda funciona como centro de organização espacial, exercendo grande influência regional; considerando a região como “uma classe de

área, fruto de uma classificação geral que divide o espaço segundo critérios ou variáveis arbitrários que possuem justificativa no julgamento de sua relevância para uma certa explicação.” (COSTA, 1996, p.63).

Partindo ainda do princípio moderno da geografia de que a cidade transforma a região, João Monlevade organiza sua hinterlândia que é composta basicamente por cidades menores que a circundam, sendo elas: Rio Piracicaba, Bela Vista de Minas, Nova Era, São Domingos do Prata, São Gonçalo do Rio Abaixo, Alvinópolis; e em menor grau as cidades de Barão de Cocais e Santa Bárbara que por estarem localizadas muito próximas à cidade de Itabira, estão exatamente no meio da área de influência dessas duas cidades usufruindo dos serviços e benefícios que as duas cidades oferecem.

Nessa região funcional os fluxos se organizam em um espaço que se apresenta estruturado. Esses fluxos de mercadorias, serviços e mão de obra se organizam em torno dos principais atores sociais chaves transformadores do espaço presentes na região, que são a Arcelor Mittal Monlevade e a Vale, sendo que o segundo está presente nas cidades de Rio Piracicaba, Barão de Cocais e São Gonçalo do Rio Abaixo, além de Itabira, “cidade-natal” da empresa. Vale ressaltar a importância da Belgo Mineira como relevante ator chave no desenvolvimento da região e o principal da cidade de João Monlevade que antes da implantação da siderúrgica era apenas um povoado pertencente à cidade de Rio Piracicaba. Isso mostra claramente o ator social atuando como transformador do espaço, pois inverteu a direção da influência que inicialmente era de Rio Piracicaba para João Monlevade, e depois passou a atuar em sentido contrário. “(...) A escala local será sempre uma escala privilegiada em relação às transformações mais rápidas.” (HAESBAERT, 2002, p.111)

Numa escala regional, pode-se dizer que João Monlevade representa atualmente o lócus dos fluxos existentes e se constitui no nó da rede de relações dos territórios. Além de atrair pessoas em busca de empregos e serviços, a cidade tem se constituído num pólo educacional, já que conta com duas instituições de ensino superior privada e duas públicas; além das escolas de ensino médio privadas que atraem estudantes da região. Como consequência desse fluxo de pessoas, intensifica-se também o fluxo de capitais na cidade, que já se constituía bastante forte devido a presença de outros atores sociais, com destaque a Arcelor Mittal.

Nessa rede de relações estabelecida entre João Monlevade e as outras cidades da região, o território é fortalecido, pois as cidades se integram fazendo com que os fluxos se espalhem de uma maneira geral. João Monlevade, por estar no centro dessa estrutura social é favorecida pela concentração em seu território dos potenciais de crescimento; através de

investimentos em diversas áreas que propiciam o seu desenvolvimento econômico e social. Não é a toa que seu IDH foi estimado em 0,819 (IBGE, 2000).

Em escala nacional, a rede em quem a cidade de João Monlevade se insere é de extrema relevância, pois através dela grandes corporações se articulam. Além disso, exerce uma influência considerável também economicamente já que integra uma região mineradora muito rica e possui em seu território uma das usinas metalúrgicas mais importantes do Brasil. Por ser cortada por uma importante rodovia nacional, a BR-381, que respeitável via de mercadorias e pessoas – e conseqüentemente de capital – beneficia-se em escalas gerais e se valoriza ainda mais como centro de um território-rede. O que já se fazia nítido em virtude principalmente da influência que exerce a Siderúrgica presente em seu espaço urbano, tanto numa escala urbana e regional, quanto nacional e também mundial.

Na região composta por João Monlevade e sua hinterlândia as relações econômicas e sociais estão bastante ligadas. Além disso, os indivíduos e grupos sociais estão bastante enraizados, sentindo-se parte na maioria das vezes não só do município de origem, como dos demais da região. Há um sentimento de pertencimento a região, uma consciência regional e uma identidade que valoriza a região como o verdadeiro espaço vivido pelas pessoas. E adotando as palavras de Paulo César da Costa Gomes pode-se dizer que a região analisada “é concebida como uma realidade auto-evidente, fisicamente constituída, seus limites são, pois, permanentes e definem um quadro de referência fixo, percebidos muito mais pelo sentimento, de identidade e de pertencimento que pela lógica”. (GOMES, 1996, p. 69-70). Sendo que João Monlevade se torna também o centro dessas relações, e de certa maneira, acaba fortalecendo os laços entre as demais cidades da região.

### 3.5 ECONOMIA DO MUNICÍPIO.

Em João Monlevade, a atividade econômica que se destaca, inclusive nacionalmente é a Siderurgia, representada pela Arcelor Mittal Monlevade, uma das 25 unidades da Arcelor Mittal Brasil, atualmente a maior Siderúrgica da América Latina.



Figura 62 Foto aérea da Usina.

Fonte: maps.google.com.br

No detalhe, a área ocupada pela Usina, na expansão da década de 80; a antiga Cidade Alta.



Figura 63 Usina de Monlevade, Arcelor Mittal.

Fonte: Breno Magalhães

Os demais setores – comércio e serviços – tem destaque regional. A distribuição espacial dos setores econômicos é marcada claramente no espaço urbano do município. As instalações da Siderúrgica estão concentrada na parte antiga da Cidade, hoje denominada Centro Industrial. Em contrapartida, os estabelecimentos comerciais estão reunidos no “novo centro” do município, no bairro de Carneirinhos, embora haja pequenos núcleos comerciais em diferentes bairros

TABELA 5

Número de estabelecimento por atividade econômica no Município:

Indústria	Comércio	Serviço	Total
<b>48</b>	<b>965</b>	<b>1109</b>	<b>2122</b>

Fonte: Ademon/2007

Como já apresentado nesse trabalho, o atual Centro Industrial refere-se a área das antigas Vilas Operárias, enquanto Carneirinhos constitui-se no eixo de crescimento seguido pelo município, após sua emancipação, em 1964.

João Monlevade se configura como uma cidade monoindustrial, sendo que a Arcelor Mittal é a grande provedora de empregos – diretos e indiretos – e condições de produção, influenciando ainda na urbanização e relações sociais do município.

A Siderúrgica influencia o desenvolvimento do setor terciário do município, a medida que funciona como fator atrativo a instalação de empresas especializadas em metalurgia, tornando o espaço da cidade especializado economicamente. Além disso, acaba por impor a sua racionalidade, ao controlar mesmo que indiretamente os fluxos e modos produtivos das demais empresas vinculados a sua cadeia produtiva, tornando-se importante agente de gestão territorial.

A Usina gera atualmente 1244 empregos diretos e 787 indiretos, sendo que, com o projeto de expansão com conclusão calculada para 2012, a previsão é de que a empresa gere mais 400 empregos diretos e mais 250 terceirizados em empresas prestadoras de serviços fixas da Usina.

A expansão e modernização da Siderúrgica que visa a quase duplicação da produção, passando de 1.200.000 toneladas/ano para 2.300.000 toneladas/ano, projeta uma elevação da receita do município de 120 milhões/ano, para 185 milhões/ano e prioriza a contratação de mão-de-obra local.

De acordo com o Anuário Mineiro de Municípios de 2008, João Monlevade se destacou como o 20º município em maior arrecadação de ICMS e outras receitas<sup>8</sup> no Estado de Minas Gerais.

<sup>8</sup> Outras Receitas = FPM, ISS, IPVA, ITCD, AIR, Taxas, Multas, Juros e Dívida Ativa.

TABELA 6

Receita Tributária do Município de João Monlevade - 2007a 2009 (R\$):

Ano	ICMS	Outras Receitas	Total
2007	41.151.536,09	56.358.936,81	97.510.472,88
2008	49.401.134,06	63.043.789,90	112.444.923,96
2009	50.960.000,00	70.110.000,00	121.070.000,00

Fonte: Ademon/2009

Dados do RIMA elaborado pela Brandt Meio Ambiente Ltda em 2008, para projeto de expansão da Usina de Monlevade, apontam que no ano de 2009<sup>a</sup> participação da Siderúrgica na arrecadação do ICMS do município foi de 75,73%, assegurando a importante contribuição da empresa para o desenvolvimento socioeconômico do município que apresenta atualmente um PIB de R\$ 1.348.044 (IBGE,2007), se destacando dentre os 30 primeiros municípios mineiros, segundo a Fundação João Pinheiro:

TABELA 7

Indicadores Sociais do Município:

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDEH-M)	Esperança de vida ao nascer (em anos)	Taxa de alfabetização de adultos (%)	Renda per Capita ( em R\$ de 2000)	Índice de longevidade (IDHM-L)
0,807	74,64	94,14	240,90	0,906

Fonte: Fundação João Pinheiro/2000

A Arcelor Mittal acaba por se constituir como grande articuladora da dinâmica econômica do município, dinamizando a economia local e favorecendo o desenvolvimento econômico e social, a medida que lidera a contribuição para a arrecadação tributária do município. Além disso, a empresa hoje participa de projetos de desenvolvimento municipal e conselhos, sempre em parceria com o poder público local, financiando e apoiando iniciativas que visem efetivar transformações socioculturais positivas na comunidade local.

## CAPÍTULO IV PONTUAÇÕES E PREVISÕES FINAIS.

A estrutura socioeconômica de João Monlevade é visivelmente fundamenta pela siderurgia, germinada a partir da instalação da Forja do nobre francês, ainda no século XIX. Jean Monlevade, referenciado historicamente como o grande pioneiro; vem ao Brasil também como investidor fazendo valer seus interesses econômicos pessoais num cenário econômico e produtivo propicio ao que sua profissão se fundamentava.

Em 31 de agosto de 1935, o lançamento da pedra fundamental da Usina de Monlevade representa além de um marco na história da siderurgia nacional, o nascimento urbano da futura cidade que ali se instalaria, inicialmente para atender as necessidades produtivas da Usina.

Nesses 75 anos a Usina participou ativamente de toda a estrutura socioeconômica e espacial do município. Inicialmente providenciou junto ao seu espaço produtivo a construção de Vilas Operárias, estratégia empresarial comumente observada no sistema capitalista, que deu origem a diversas cidades interioranas.

A Companhia Siderúrgica Belgo Mineira ao se instalar nas mediações do antigo Solar Monlevade, buscou desenvolver a estrutura urbana necessária para a reprodução de suas atividades. Sendo assim, constituiu-se como uma empresa inovadora, tanto no sentido mercadológico, por produzir artefatos que pesavam sobre a balança comercial do país; quanto pela disseminação de novas tecnologias e estilos de vida ao médio Piracicaba.

Em 1964, quando o município se emancipou politicamente, deixando de ser um distrito de Rio Piracicaba, as Vilas Operárias, que já possuíam todo um conjunto de equipamentos urbanísticos se integram ao povoado de Carneirinhos, transformando-se em uma “Cidade Aberta”, a cidade de João Monlevade.

A partir daí a participação da Usina no planejamento espacial do novo município se torna mais indireto, mas não se ausenta. O comércio já um tanto desenvolvido no município, o que fundamentou inclusive a movimentação de seus dirigentes na emancipação política toma um novo pulso, já que inicia-se a terceirização dos serviços antes prestados a comunidade pela Siderúrgica. Aumenta-se a demanda e conseqüentemente novos comerciantes são atraídos ao município, fixando residência no emergente bairro de Carneirinhos, atualmente *locus* comercial do município.

O relacionamento da empresa com a comunidade sofreu algumas alterações durante todos esses anos de “convivência”. O que se observa de fato é que se inicialmente a

Siderúrgica mantinha uma relação “paternalista” com a população da cidade operária que se constituíam por seus operários e familiares, a partir da emancipação houve um corte abrupto entre essas relações. Vários benefícios foram cortados e os operários acostumados a serem completamente assistido pela Usina, passam a lidar com uma outra lógica de relacionamento com a empresa, que inclui ainda o enfraquecimento do controle social dessa sobre seus funcionários. Além de arcarem com despesas antes assumidas pela CSBM; fora dos portões da Usina, os trabalhadores, na cidade livre, tornam-se mais dispostos de si que outrora, quando as relações sociais eram condicionadas pela empresa.

De maneira geral, a siderúrgica ao se instalar e construir todo um aparato urbano que atendesse as suas necessidades produtivas, visava ainda o estabelecimento de um controle sobre a vida na cidade, como forma de garantir a reprodução de sua ideologia e afirmar o seu poder diante da comunidade, como grande gestora social e propagadora de idéias.

Atualmente a relação da cidade e da empresa é baseado em parcerias de projetos sobretudo socioculturais, pautados no discurso de uma transformação dos valores culturais e inserção social. Economicamente, porém, essa relação significa uma grande dependência da dinâmica local com a Siderúrgica, grande geradora de empregos e tributos ao município; apesar da importância do setor terciário que atende toda a hinterlândia de João Monlevade.

A análise delineada nesse trabalho aponta a Siderúrgica como principal gestora espacial até a década de 60, construindo e administrando as Vilas Operárias, dotando-as inclusive de infra-estrutura pública para o desenvolvimento das relações sociais e viabilização de relações produtivas. A partir de então o setor terciário passa a ocupar importante posição nesse contexto, atuando efetivamente para o novo arranjo urbano local, em direção a Carneirinhos. Enquanto isso a Siderúrgica exerce diretamente o seu controle sobre o espaço em seu entorno, apropriando e transformando- de acordo com suas necessidades.

Porém, por se constituir como o principal fator atrativo para outras empresas se instalarem na cidade e ser a maior geradora de emprego e renda, alimentando o comércio; a Usina contribui para o crescimento populacional, acabando por influenciar indiretamente a expansão e organização urbana local. Historicamente todas as esferas de relações – culturais, sociais, políticas e principalmente econômica – são de alguma forma sugestionadas pela Siderúrgica, e por mais que isso tenha se tornado menos e eminente, não inexistente.

De maneira geral, a paisagem urbana de João Monlevade é fortemente marcada pela Siderurgia, sendo que os principais signos identitários da população local são aqueles impressos no espaço pela Siderúrgica nas primeiras décadas de sua instalação, em especial a Fazenda Solar e a Igreja São José Operário. Dentre aqueles que já não existem mais, são

lembrados com muito pesar pela ausência hoje, a antiga Praça Ayres Quaresma e a Praça do Mercado, *locus* de relações sociais na época, que permeiam a memória dos antigos moradores, que reverenciam o conjunto arquitetônico, que deu lugar a expansão da Usina na década de 80.

A década de 80, época de importantes transformações espaciais e sociais em João Monlevade, marcada pela expansão da Usina e movimentos grevistas, refletia na escala local, o cenário mundial da época, o aguçamento do neoliberalismo que reestruturava a economia em escala global, abarcando desde a estrutura produtiva industrial, com o desenvolvimento de tecnologias; até as relações sociais fundamentadas e derivadas da economia.

Os antigos moradores da Cidade erguida pela CSBM são unânimes ao considerar que as Vilas eram excelentes lugares para se viver. Além disso, descrevem a Siderúrgica como uma “Mãe” que lhe prestava total assistência, demonstrando serem gratos por tudo que ela proporcionou à suas famílias. Consideram ainda que a Usina é a grande provedora do desenvolvimento econômico do município.

Carneirinhos, bairro do novo eixo da cidade, desenvolvido principalmente a partir da década de 60 representa hoje o *locus* das atividades sociais. Dessa forma, as novas gerações de monlevadenses muitas vezes desconhecem a origem do município, como uma Cidade Empresa, tendo todo o seu núcleo urbano limitado inicialmente ao entorno da Siderúrgica - at, e por ela administrada.

No zoneamento representado no atual Plano Diretor Municipal as antigas Vilas Operárias são hoje bairros que compõe a região denominada “Monlevade – Centro”, no entanto, o bairro de Carneirinhos é referenciado como o centro da cidade pelos moradores. E de fato, a funcionalidade do bairro no espaço urbano de João Monlevade o caracteriza como área central. Além disso, a paisagem de Carneirinhos indica aspectos comuns à formas espaciais dos centros das cidades, como o uso intensivo do solo, verticalização e concentração de estabelecimentos comerciais

A expansão da Usina prevista para ter o projeto concluído em 2012 irá reproduzir no espaço as necessidades emergentes a ampliação produtiva da siderúrgica. As intervenções espaciais em seu entorno estão sendo planejadas de modo a viabilizar a duplicação da produção causando o menor impacto possível ao ambiente municipal. Dessa forma a expansão das instalações da Usina está sendo acompanhada da construção de uma nova via, que visa proporcionar um acesso exclusivo para que os caminhões pesados e veículos que se destinem a empresa, dissipando significativamente o trânsito na área industrial. Essa iniciativa permitirá

desafogar o fluxo na Avenida Getúlio Vargas que liga o Centro Industrial com o restante da cidade.

O EIA/RIMA apresentado pela empresa para realização do empreendimento relativo a expansão da Usina Monlevade indica porém impactos negativos tanto durante a implantação como depois de iniciada a operação. Destacam-se nesse sentido o aumento da poluição atmosférica e ruídos no trânsito, além da pressão sobre a infra-estrutura habitacional, viária e de serviços públicos como saúde e segurança social. Para suprimir essas adversidades, porém, justificam que o incremento na receita gerada pela empresa, algo em torno de R\$70 milhões de reais por ano, aumentará significativamente a capacidade de investimento do município para amenizar os efeitos em diversos setores.

De maneira geral, a interdependência entre João Monlevade e a Usina segue a tendência comum a todas as cidades planejadas inicialmente por uma empresa que continua a exercer grande influência em todas as relações econômicas, políticas e sociais, e é muito bem caracterizada por Milton Santos (1998), do prefácio que fez para o livro *Cidade-Empresa*, de Rosélia Piquet (1998).

“(…) os empregos que criam acabam sendo mais dinâmicos que os produzidos pelo poder público, porque agem em sistema sobre as outras atividades, e desse modo influenciam a vida regional e local; os orçamentos municipais tornam-se, desse modo, induzidos, mais que indutores e, paralelamente mais conduzidos que condutores; a própria cidade, como paisagem e como espaço econômico e social, acaba tendo a sua vida atrelada à da empresa; e, finalmente, a política da cidade e da região fica subordinada a um duplo comando, no qual os interesses particulares tendem a dominar sobre os interesses coletivos.” ( SANTOS, 1998, P.viii)

João Monlevade, a cidade que teve sua história aliada à história da Siderurgia Nacional, germinou, cresceu e se desenvolveu a partir da produção de ferro e aço. Assim formaram-se sua paisagem e economia, alicerçadas pelo pioneirismo de um jovem engenheiro que viu nas riquezas das Minas Gerais um futuro promissor, firmado anos depois, com a instalação da Belgo Mineira.

Atualmente, a cidade se prepara para acompanhar uma nova fase de modernização da Usina local, que promete novas modificações produtivas a serem registradas no espaço. Dessa forma, o futuro aponta trazendo mudanças produtivas que são impressas no espaço; afirmando o caráter transtemporal e heterogêneo da paisagem, que se transforma à medida que novas exigências espaciais variam acompanhando as necessidades da reprodução do capital e das relações sociais.

## REFERÊNCIAS

- A NOTÍCIA. **44 anos: Monlevade se prepara para o futuro**. João Monlevade, abr. 2008. Edição Especial.
- A NOTÍCIA. **Arcelor Mittal 75 anos**. João Monlevade. Suplemento Especial da edição n. 1645, ago. 2010.
- ADEMON – Agência Nacional de Desenvolvimento de João Monlevade. **Monlevade em Números**. 2009.
- ARCELOR MITTAL. **Perfil Histórico da Arcelor Mittal**. João Monlevade, 2008.
- CORREA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa; DE CASTRO, Iná Elias. **Geografia - Conceitos e Temas**. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DA SILVA, Médelin Lorena da Silva. **Candangolândia, o bairro que atravessou o planalto de Brasília a ipatinga: 1960-1970**. 2010. 37 f. Relatório (de Iniciação Científica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.
- DE LIMA, Fábio José Martins. **Cidade Operária de Monlevade: Novos Conceitos de Morar**. Disponível em <http://www.docomomo.org.br>. > Acessado em set. de 2010.
- DE OLIVEIRA, Floriano José. **Cidades Industriais e Cidades Pós-Industriais: Breve análise bibliográfica do tema**.
- DIAS, Leila Christina. Redes: Emergência e organizações. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. Costa; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DO CARMO, Ana Luiza. **Buscando Superar o Tradicionalismo Tecnocrata da Educação**. Disponível em: <[http://www.conexaeventos.com.br/detalhe\\_artigo.asp?id=29](http://www.conexaeventos.com.br/detalhe_artigo.asp?id=29)>. Acesso em: set. de 2010.
- DO RIO, Gisela Aquino Pires. Organizações Empresariais, Trajetórias Espaciais e Racionalidade: Espaço e Tempo de uma Empresa de Celulose. **Território**, Rio de Janeiro, v. 8, ano V, nº 101-109, jan.-jun., 2009.
- DOS REIS, Luciana Prates Leite. **Plano Diretor da Associação São Vicente de Paulo de João Monlevade – Hospital Margarida**. 2007. 51 f. Monografia (pesquisa-ação do curso de especialização para gerentes hospitalares macro e microrregionais). Escola de Saúde Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Trajetórias de Franceses em Minas Gerais no século XIX. In: VIDAL, Laurent; DE LUCA, Tânia Regina. **Franceses no Brasil – Século XIX-XX**. São Paulo: UNESP, 2009.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto Acadêmica, 2002.

JOÃO MONLEVADE. Câmara Municipal. **Plano Diretor Municipal**, Lei n. 1686 de 2006. Revisa o Plano Diretor do município de João Monlevade e atende ao previsto no § 1º do art. 87 da Lei Orgânica do município de João Monlevade.

MELO, Marcelo. **Jornal Morro do Geo**. fev 2001 -out 2010.

MILANEZ, Bruno; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. **A ferro e fogo: impactos da siderurgia para o ambiente e a sociedade após a reestruturação dos anos 1990**. 2008.

PASSOS, Juliana Ma. do Nascimento. **Monlevade, Vida e Obra**. João Monlevade: Associação Monlevade de Serviços Sociais, 1973

PEREIRA, Denise de Castro. **Cidade e Empresa: Interações**.

PIQUET, Rosélia. **Cidade-Empresa: Presença na paisagem urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahae Editor, 1998.

SALGUEIRO, Tereza B. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org.). **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Editorial Nobel,1985.

SANTOS, Milton. **Prefácio ao Livro Cidade Empresa de Rosélia Piquet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil e Sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro :Record, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

[http:// www.blogdoleunam.blogspot.com/<...>](http://www.blogdoleunam.blogspot.com/<...>). Acessado em nov. de 2010

[http:// www.jaomonlevade.blogspot.com/<...>](http://www.jaomonlevade.blogspot.com/<...>). Acessado em out. de 2010

[http:// www.panoramio.com/<...>](http://www.panoramio.com/<...>). Acessado em out. de 2010

<http://www.arcelormittal.com.br/<...>>. Acessado em out. de 2010

<http://www.belgo.com.br/<...>>. Acessado em out. de 2010

<http://www.ibge.gov.br/<...>>. Acessado em Nov. de 2010

<http://www.vale.com/<...>>. Acessado em out. de 2010.

**ANEXO A**

## QUESTIONÁRIO

Nome:

Idade:

Cidade onde reside atualmente:

Cidade natal:

Profissão:

1. Você residiu na Vila Operária da antiga Companhia Siderúrgica Belgo Mineira? Durante qual período?
2. Em que local residia especificamente?
3. Que impressão guarda hoje, do tempo vivido na Vila Operária?
4. O que pode citar em relação a política assistencial da Usina para os operários e suas famílias na época?
5. Quais eram as atividades de lazer que exerciam nas Vilas Operárias?
6. Qual o vínculo empregatício da empresa em sua família na época?
7. Há ainda algum vínculo empregatício hoje?
8. O que marca a sua memória em relação a paisagem local da época?
9. O que cita como evolução da paisagem daquela época aos dias atuais? (Diferenças que marcam a paisagem)
10. Qual a importância da Usina Siderúrgica ( antigo Belgo Mineira, atual Arcelor Mittal) para o desenvolvimento urbano, econômico e social de João Monlevade, em sua opinião?
11. Quais os símbolos da paisagem urbana de João Monlevade que você considera diretamente ligado a Siderurgia?
12. Qual a representação da Siderurgia na identidade do município de João Monlevade e dos monlevadenses, em sua opinião?
13. Em relação a Carneirinhos, qual a principal mudança observada por você no espaço urbano nesses últimos anos?
14. Quais as principais características observadas por você no processo de crescimento e desenvolvimento do município? (Em relação a: mudança do centro comercial da antiga Vila para Carneirinhos, novos bairros, direção espacial do crescimento, setor de serviços...)
15. Você considera relevante a influência da Usina local nesse processo? Explique.

Se quiser fazer algum comentário extra em relação a Siderurgia e o Município de João Monlevade, fique a vontade:

**ANEXO B**

**FOTOS ANTIGAS E RELEVANTES DA USINA E CIDADE OPERÁRIA.**

Figura 1 Desfile de 7 de setembro na subida do Morro do Geo, década de 50/60.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 2 Getúlio Vargas visita a Usina Monlevade, 1935  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

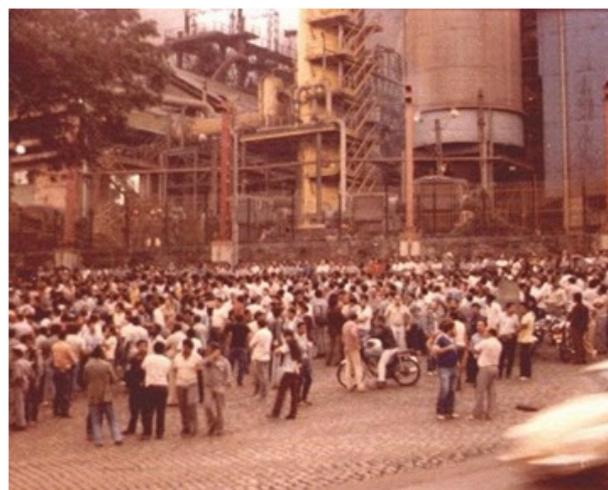


Figura 3 Greve dos Operários, 1979.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro



Figura 4 Leitaria, década de 40/50.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.



Figura 5 Construção do Auto-Forno 1, Usina de Monlevade. Década de 30.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.



Figura 6 Construção da Vila dos Operários, década de 30.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.



Figura 7 Escadão que dava acesso a Cidade Alta, década de 50.  
Fonte: Arquivo do Jornal Morro do Geo



Figura 8 Visita de Juscelino Kubitschek na Usina de Monlevade, década de 50.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.



Figura 9 Missa celebrada no pátio do Solar Monlevade, 1948.  
Fonte: Arquivo de Ivete de Castro.

### Jornal Morro do Geo:



Figura 10 Folhetos Jornal Morro do Geo.  
Fonte: Thaysa Sonale/nov.2010.

O Jornal Morro do Geo, de propriedade do jornalista saudosista **Marcelo Melo**, é publicado desde fevereiro de 2001. Atualmente a sua periodicidade é mensal, e cada edição custa R\$1,00. Marcelo Melo, mantém ainda um blog de caráter jornalístico no ar.

O Jornal tem como principal objetivo contar a história de João Monlevade, a partir de fotos antigas, lembranças de fatos ocorridos e personalidades da cidade. Além disso, são publicadas colunas com caráter cômico, fazendo piadas sobre episódios e personagens da cidade.

## Ivete de Castro:

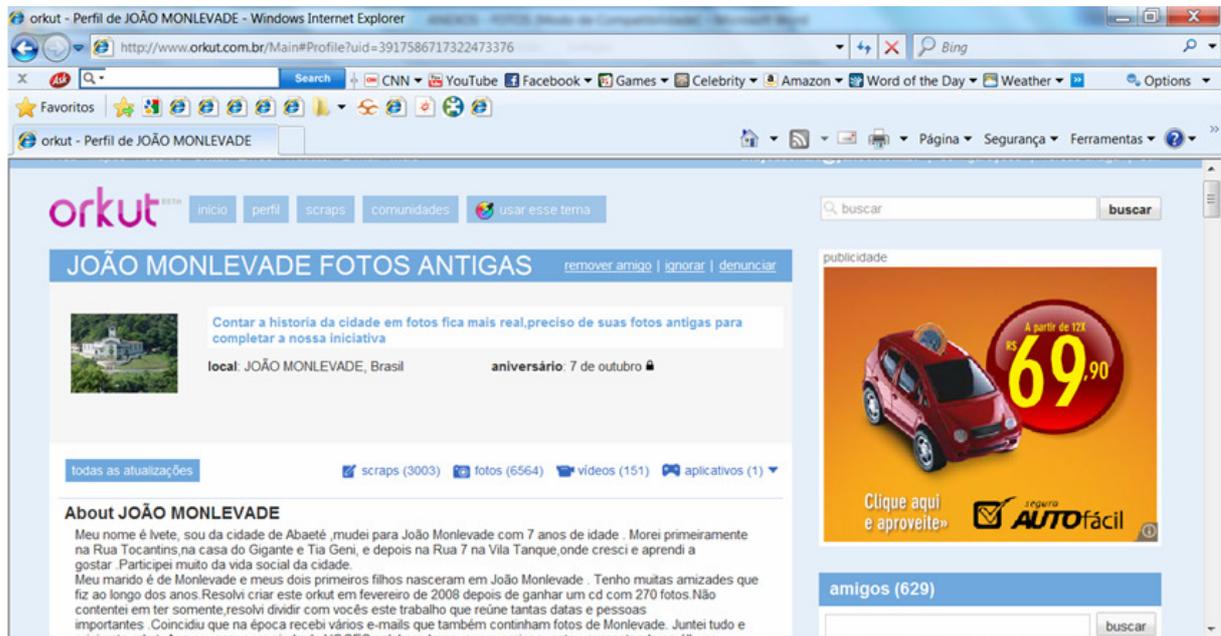


Figura 11: Perfil Social de Fotos Antigas de Ivete de Castro.  
Fonte: Thaysa Sonale/nov.2010.

A costureira Ivete de Castro é natural da cidade de Abaeté/MG. Mudou-se com 7 anos para a Cidade Operária de Monlevade, residindo lá de 1960 a 1977, primeiramente na Rua Tocantins. Mais tarde morou na Rua 7, Vila Tanque. Casou-se com um monlevadense, tendo seus dois primeiros filhos na cidade. Atualmente reside em Timóteo/MG.

Depois de ganhar um cd contendo 270 fotos antigas de João Monlevade, resolveu criar um perfil no site de relacionamentos “Orkut” para disponibilizar as fotos a demais interessados. Daí por diante, recebeu e ainda recebe várias fotos que são postadas no perfil “João Monlevade Fotos Antigas” tendo sua iniciativa agradado a muitas pessoas; tanto que atualmente o perfil conta com 6564 fotos.